

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ARTES VISUAIS

ADNAELMA DA SILVA CARDOZO

**O AUDIOVISUAL ENTRE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES OU
SUPERDOTAÇÃO: uma análise da mediação fílmica na educação especial**



São Luís
2018

ADNAELMA DA SILVA CARDOZO

**O AUDIOVISUAL ENTRE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES OU
SUPERDOTAÇÃO: uma análise da mediação fílmica na educação especial**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Artes Visuais
da Universidade Federal do Maranhão,
visando obtenção do grau de
Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Frederico
Fernando Souza Silva

São Luís

2018

ADNAELMA DA SILVA CARDOZO

**O AUDIOVISUAL ENTRE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES OU
SUPERDOTAÇÃO: uma análise da mediação fílmica na educação especial**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Artes Visuais
da Universidade Federal do Maranhão,
visando obtenção do grau de
Licenciada em Artes Visuais.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Frederico Fernando Souza Silva (Orientador)
Doutor em Artes Visuais
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Hellen Rose de Sousa Lima
Especialista em Neuropsicologia
Universidade Federal do Maranhão
Examinador 2

Prof. Mestre Jose Murilo Moraes dos Santos
Universidade Federal do Maranhão
Examinador 3

A Deus, por permitir a minha existência. Aos meus pais, por terem me ensinado a valorizar os estudos e sempre persistir. Aos meus irmãos, por sempre estarem por perto compartilhando dos maus e bons momentos. Aos meus familiares por sempre apoiarem minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para alcançar esta etapa da vida. Sem ele, nada disso seria possível.

Aos meus pais Alaide Cardozo e Luiz Carlos Cardozo por acreditarem e apoiarem meu sonho de fazer um curso universitário. Ao meu irmão Eliel Cardozo, que durante toda a graduação tem sido um anjo da guarda a me acompanhar durante a jornada da academia. Também aos meus outros dois queridos irmãos, Hermenildo Cardozo e Elielma Cardozo por sempre me incentivarem a terminar essa jornada.

A minha amiga Namibya Aick por sempre compartilhar momentos de descontração e aprendizado nas disciplinas do curso.

As minhas primas Milca, Mykaelle e família, por terem me proporcionado momentos de pesquisas em seu aconchegante lar.

Aos amigos e amigas do coração Dauriana, Jerlyson Hugo, May Sanderson, Ludmila pelos momentos de nostalgia nas conversas no ambiente Ca/Xerox.

As amigas de impressões Marcela e Dona Socorro, pelas inúmeras xerox e impressões que os professores nos proporcionavam.

A todos os alunos do curso de Artes/Licenciatura que contribuíram de alguma forma, para a aprendizagem para o fim desse trabalho.

Agradeço ao Prof^o. Dr^o. Frederico Fernando Souza Silva, responsável pela orientação desse trabalho.

Pela Dr^a Coordenadora Regiane Caire por se esforçar pela melhoria do curso. A todo o corpo docente que faz o curso acontecer.

Aos amigos da biblioteca pelos empréstimos concedidos, aos amigos estagiários da sala de pesquisa do CCH e do CCSO pelos momentos a mais de horas por conta da pesquisa monográfica, sou muito grata de coração a essas atitudes.

As amigas técnicas e supervisoras do estágio extracurricular do Sesc, Paula Barros e Betania Pinheiro pelos bons momentos de aprendizados em meio aos projetos de cultura. A minha amiga bibliotecária e psicóloga do coração Regina França Cutrim pelas conversas inspiradoras e momentos de reflexões sobre a vida.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão, por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos. Sou grata à cada membro do corpo docente, à direção e a administração dessa instituição de ensino.

“A cena que desperta o interesse certamente transcende a simples impressão de objetos distantes em movimento. Devemos acompanhar as cenas que vemos com a cabeça cheia de ideias. Elas devem ter significado, receber subsídios da imaginação, despertar vestígios de experiências anteriores, mobilizar sentimentos e emoções, atizar a sugestibilidade, gerar ideias e pensamentos, aliar-se mentalmente à continuidade da trama e conduzir permanentemente a atenção para um elemento importante essencial – a ação. Uma infinidade desses processos interiores deve ir ao encontro das impressões.”

Hugo Munsterberg

RESUMO

O Audiovisual é uma ferramenta, uma proposta pedagógica essencial para trabalhar em ambientes educacionais, pois se apropria de linguagens que devem ser entendidas. Os filmes trazem conteúdos com bons ensinamentos e muitas vezes assuntos polêmicos, capazes de desencadear pensamentos autocríticos e autoreflexivos, são grandes facilitadores de ideias e provocam sensações e emoções que podem ser aproveitadas pelo mediador como ensino aprendizagem. O foco principal dessa monografia foi analisar a mediação fílmica do projeto CineSesc entre alunos com altas habilidades ou superdotação. Para aprofundar esta análise foi escrito um breve histórico sobre os conceitos do Audiovisual e de Altas Habilidade ou superdotação. O campo alvo dessa pesquisa foram os alunos de 7 a 14 anos do Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas Habilidades ou Superdotação (NEECAHS). A fim de entender como os mediadores trabalhavam as narrativas e a linguagem que envolvem o Audiovisual entre um público de educação especial. Para isso foram trabalhados autores que tratam sobre o cinema e a educação. Conclui que a construção de saberes junto a esse público depende de um grau elevado de conhecimentos, e um conjunto de fatores na relação dos núcleos com a universidade.

Palavras-chaves: Audiovisual. Altas Habilidades ou Superdotação. CineSesc. NEECAHS.

ABSTRACT

Audiovisual is a tool, an essential pedagogical proposal to work in educational environments, because it appropriates languages that may to be understood. The films bring contents with good teachings and often controversial subjects, capable of triggering self-critical and self-reflexive thoughts, are great facilitators of ideas and provoke sensations and emotions that can be used by the mediator as teaching learning. The main focus of this monograph was to analyze the cinematic mediation of the CineSesc project among students with high skills or giftedness. To deepen this analysis was written a brief history on the concepts of Audiovisual and High Ability or giftedness. The target area of this research was the students from 7 to 14 years of the Nucleus of Enrichment for Students with Characteristics of High Abilities or Giftedness (NEECAHS). In order to understand how the mediators worked the narratives and the language that surround the Audiovisual between a public of special education, were worked authors who deal in the cinema and the education. Concludes with the suggestion that it is advisable to build a project focused on the cinema area, next to the Visual Arts course to join NEECAHS and also with schools in communities that do not have access to the audiovisual.

Keywords: Audio-visual. High Abilities or Giftedness. CineSesc. NEECAHS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Diagrama de Venn.....	26
Figura 2	Espaços e atividades do NEECAHS.....	30
Figura 3	Capa do filme <i>O Menino e o Mundo</i>	35
Figura 4	Cenas da animação <i>O menino e o Mundo</i>	36
Figura 5	Cenas urbanas da animação <i>O Menino e o Mundo</i>	36
Figura 6	Capa da animação <i>O mundo dos Pequeninos</i>	37
Figura 7	Capa do Livro <i>The Borrowers</i>	38
Figura 8	Cena da animação <i>O mundo dos pequeninos</i>	39
Figura 9	Outra cena da animação <i>O mundo dos pequeninos</i>	39
Figura 10	Capa do filme <i>O homem da Lua</i>	40
Figura 11	Cenas da animação <i>O homem da Lua</i>	41
Figura 12	Dinossauro de brinquedo objeto da oficina de <i>Stop motion</i>	42
Figura 13	Passo a passo da oficina de <i>Stop Motion</i>	43
Figura 14	Mediadoras e as crianças do NEECAHS.....	44
Figura 15	Oficina de <i>flipbook</i> com os alunos do NEECAHS.....	44
Figura 16	Oficina de <i>taumatropio</i> com os alunos do NEECAHS.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IEMA	Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional brasileira
MEC	Ministério da Educação
NAAHS	Núcleo de atividades de altas habilidades/superdotação Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas
NEECAHS	Habilidades ou Superdotação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SEMED	Secretária Municipal de Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O AUDIOVISUAL.....	14
2.1	Audiovisual e a Educação.....	15
2.2	Linguagem Verbal.....	17
2.3	Linguagem Visual.....	17
2.4	Linguagem Sonora.....	18
2.5	Linguagem do cinema.....	20
3	ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO?.....	22
3.1	O superdotado e a inteligência.....	24
3.2	Tipos de inteligência.....	24
3.3	Identificação dos alunos com altas habilidades ou superdotação.....	27
3.4	NEECAHS.....	29
4	PROJETO CINESESC.....	32
4.1	Análise dos filmes.....	35
4.2	Oficinas de brinquedos ópticos: <i>Stop motion</i>.....	41
4.3	Resultados da pesquisa: análise de dados.....	47
5	CONCLUSÃO.....	56
	REFERÊNCIAS.....	58
	APÊNDICES.....	61

1 INTRODUÇÃO

O audiovisual é sempre inovador, cativante e dinâmico. E com essas vantagens, é importante aproveitar tudo o que essa ferramenta proporciona nos enfoques contemporâneos do nosso cotidiano.

Como grandes facilitadores de ideias, os filmes trazem conteúdos com bons ensinamentos e muitas vezes assuntos polêmicos, capazes de desencadear pensamentos autocríticos e autoreflexivos. As experiências e emoções também são provocadas e bem aproveitáveis quando são estrategicamente trabalhadas pelo professor/mediador.

Os recursos cinematográficos que compõem a linguagem do cinema são abrangentes e contém elementos visuais que juntos contribuem para construção de sentidos entre imagem e poética narrativa, dentro de uma obra fílmica, necessitando assim de tempo e eficientes explicações.

A partir destas reflexões, visa-se responder a seguinte pergunta: será que os educadores/mediadores estão aproveitando as vantagens que a narrativa em um filme oferece? E para responder essas inquietações, o presente estudo analisou a mediação de curtas, médias e longas infantis, assistidos e debatidos entre os alunos com altas habilidades ou superdotação do Núcleo de enriquecimento para estudantes com essas características, o nível e como os filmes estão sendo trabalhados no NEECAHS. E o quanto o conjunto de imagens e as narrativas poéticas do cinema, na qualidade de veículo para os conteúdos didáticos é importante culturalmente para a construção de conhecimentos para a vida. Partindo dos momentos de fruição e os possíveis diálogos que emergem do contato com essa produção audiovisual.

O objetivo da pesquisa foi investigar como é trabalhado o audiovisual entre os alunos com altas habilidades ou superdotação. Isso se justifica porque esses alunos exigem uma educação diferenciada, um pouco mais avançada do que para alunos regulares. Para isso, foi necessário elaborar um breve estudo para conhecê-los melhor; para que assim, os filmes a serem trabalhados com eles tivessem uma compatibilidade necessária para fixação do conteúdo fílmico.

A principal motivação para se chegar a essa pesquisa surgiu da grande apreciação pelo cinema. Foi a partir da leitura das revistas em quadrinhos e do contato com a TV, como por exemplo, as boas lembranças das cenas de desenhos e filmes que assistia quando criança, que comecei a perceber o quanto a comunicação que se utiliza do audiovisual é importante para o desenvolvimento e fixação do saber.

Ao ingressar na Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o contato com o cinema aumentou e pude perceber o quanto o audiovisual e a linguagem cinematográfica são provocantes e instigantes quando bem exploradas.

No decorrer do curso, os diversos encontros, *workshops*, mostras, cursos e festivais sobre cinema, como o *Anima Mundi* (Encontro Internacional de Animação do Brasil), foram capazes de despertar uma apreciação e dedicação ainda maior pelo cinema. Foi assim, dentre um desses debates sobre cinema, que tive contato com o Serviço Social do Comércio (*Sesc*), onde o contato com a cultura é constante e eficaz. Foi lá, participando diretamente dos projetos como estagiária, que se fortaleceu a aproximação da teoria com a prática.

O contato com as mostras e projetos de cinema que o Sesc oferece como: o *CinePipoca*, projeto que leva a criança a ter seus primeiros contatos com o ambiente do cinema, e o *CineSesc*, projeto de cinema que leva filmes não-comerciais para a sala de aula e comunidades em geral, proporcionou-me novas experiências como a de trabalhar o audiovisual com crianças. Foi a partir desses projetos que houve o contato com crianças com altas habilidades ou superdotação do NEECAHS – MA.

Vale ressaltar a importância do compartilhamento de informações sobre o audiovisual dentro da educação especial no curso de Licenciatura em Arte Visuais, que carece de mais pesquisas sobre essas questões.

Refletir sobre essas inquietações trouxe algumas interrogações, dentre elas argumentações como de Sá (1967, p.17) a qual faz colocações sobre o valor da sétima arte: “Nada lhe parece estranho – tudo pode ser valorizado ou vilipendiado pela 7ª Arte. Valor autêntico e frequentemente instrumento de corrupção... Como pode o educador permanecer indiferente em sua presença!”

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas abordagens de caráter qualitativa, descritivo-analítica através de observação participante e coletas de dados de pesquisas através de entrevista; questionário com mediadores do CineSesc e usuários do NEECAHS. Foi realizado levantamento bibliográfico em livros e textos de autores que abordam tema.

Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso estrutura-se em cinco capítulos. A introdução que situa o leitor sobre o contexto em que esta pesquisa é construída. O segundo capítulo apresenta um breve histórico acerca do audiovisual e a linguagem que o envolve dividida em linguagem verbal, linguagem sonora e linguagem visual. O terceiro

capítulo discorre sobre o conhecimento acerca de pessoas com altas habilidades ou superdotação, como identificá-los e como se comportar diante de suas necessidades, tudo baseado em autores que norteiam para uma pesquisa de bom entendimento, como a Teoria da Inteligência de Howard Gardner e a Teoria dos Três Anéis Conceção proposta por Joseph Renzulli.

No capítulo quatro são apresentados o projeto alvo da observação o CineSesc, e a instituição NEECAHS local da pesquisa de campo, onde a pesquisa foi realizada. Esse capítulo também apresenta os filmes exibidos, as oficinas realizadas e os resultados alcançados.

2 O AUDIOVISUAL

A passagem histórica da arte, suas técnicas e movimentos artísticos, a invenção da fotografia e dos aparatos tecnológicos da época que fizeram a revolução na história. Ainda as astúcias do teatro, do cinema, do rádio e da televisão, todas estão relacionadas umas com as outras, cada uma com a tecnologia do seu tempo e com seus signos e linguagens próprias. O mesmo ocorre com o audiovisual e sua linguagem, ou seja, a obra terá diferentes características em cada meio de comunicação em que for produzida e vinculada.

O audiovisual, como a própria palavra já diz, é uma junção dos elementos sonoros e visuais, uma forma de comunicação direcionada aos dois sentidos do ser humano: a audição e a visão. Com o passar dos tempos, passou a caracterizar-se como o conjunto de todas as tecnologias, formas de comunicação e produtos constituídos de sons e imagem. Como o cinema ficcional, documental, a televisão aberta ou fechada e todos os seus gêneros, vídeo digital ou analógicos de baixa ou alta definição, a videoarte, o cinema experimental, a animação tradicional ou computadorizada, videoclipes, comerciais publicitários, o videogame, o *marketing of*, propaganda políticas, vídeos feitos em telefones móveis para Internet, entre outras tecnologias digitais (e avançadas) que estão em constante transformação. O pesquisador em artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marcio Antonio Rinaldi (2010, não paginado) observa que:

Uma mesma obra audiovisual pode ser arte quando o autor tem a intenção de se apropriar do meio e suas possibilidades para a sua criação, e objeto de comunicação, ao transmitir uma determinada informação ao espectador, o que nos leva a concluir que existe uma convergência entre arte e comunicação na obra audiovisual.

A linguagem audiovisual é um sistema de signos em desenvolvimento que tem função de comunicar e é facilitada por atingir níveis da linguagem como a falada através do som e a escrita através da representação visual o vídeo.

Ao longo dos seus mais de cem anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados. Tudo depende do modo como são combinados luz e sombra, velocidade da câmera, captura dos espaços, ângulo de filmagem e, acima de tudo, da sequência temporal em que os planos (imagens entre dois cortes) são organizados na montagem. (DUARTE, 2002, p. 37)

Em uma época em que a tecnologia está em toda parte, onde as imagens são compartilhadas, a mídia muito disputada, e ainda corruptível, as informações são repassadas em velocidade quase que instantânea. As pessoas absorvem com mais rapidez os conteúdos e se compararmos uma obra audiovisual como, por exemplo, desenhos infantis dos anos 1980,

em que os desenhos em que a narrativa é com menos detalhes, há uma diferença na mudança da velocidade das informações na qual muitas vezes são os signos e efeitos 3D que se sobressaem mais que a narrativa.

As crianças de hoje convivem muito com a linguagem audiovisual por meio da televisão ou no celular, na escola ou em casa. Trata-se de uma modalidade comunicacional que ganha cada dia mais força e está presente cada vez mais cedo em suas vidas. Essas crianças passam a ter contato frequente com os signos, códigos e valores que uma obra audiovisual contém e que pode influenciar o seu desenvolvimento social, estético, cognitivo e psicológico.

Portanto, é interessante pensarmos em um aprendizado lúdico entre cinema e educação, pois é a educação que traz possibilidades para a formação consciente de um ser humano conforme destaca Carla Bohn (2009, p. 2 e 3)

A influência das novas tecnologias na educação no tocante ao desenvolvimento do aluno como ser social é indiscutível, mediante a isso se faz necessário à educação considerar a relevância, a significância, a representatividade, a variabilidade e a confiabilidade desse processo no que tange o comportamento e influencia diretamente os seus discentes. [...] Aliando-se a tecnologia, a educação estará proporcionando ao docente e ao educando uma interpretação do mundo mais abrangente, permitindo que tanto um quanto o outro transformem o conhecimento adquirido em competência, apropriando-se daquilo que realmente é adequado, construindo uma visão mais crítica e seletiva, aperfeiçoando a prática pedagógica e conquistando com êxito o processo de ensino aprendizagem.

É indispensável a aproximação do docente com o uso as novas tecnologias dentro da sala de aula, pois os alunos quase sempre estão informado do que acontece na atualidade. Fatos rotineiros como dramas da vida, o preconceito, a aceitação, a política, o esporte entre outros fatos que repercutem na mídia e sempre estarão em debates em grupos de alunos no intervalo das aulas em casa e em outros grupos que permita essa socialização. Sempre vai existir a comunicação dos fatos e a construção de argumentos e críticas em algum momento. Desse modo é necessário fazer parte dessa construção e organização de argumentos por meio do audiovisual como ferramenta de ensino aprendizagem.

2.1 Audiovisual e a Educação

Uma das formas básicas da aprendizagem é o ouvir e o ver, é o que fazem grande diferença em nosso comportamento. Na escola ou em casa, somos desde a infância, educados através do ouvir, do ver, do olhar e do escutar, para assim ter boa interação social. Carla Bohn (2010, p. 2-3) diz que

A aprendizagem, dentro e fora da escola, é viabilizada por meio da interação social entre pessoas, assim, construção social do conhecimento e fomentada pela troca de informações. É pela aprendizagem que se aplica no contexto de escolas em atividades centradas na capacidade de solucionar problemas, pois vai exigir que os alunos construam um conhecimento novo para solucionar o problema ou solucionem o problema através de métodos conhecidos.

Quando falamos em adquirir conhecimento, estamos falando de educação, pois é através dela que a pessoa é preparada pelo educador a se inserir no meio social. Segundo Piaget (1985 p. 154) “educar é adaptar o indivíduo ao meio social ambiente.” A educação faz parte do cotidiano de cada pessoa. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir da discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 1983, p 97).

E através da educação e do conhecimento é que a pessoa consegue autonomia para decidir suas próprias decisões, no momento que entra o educador/mediador, pois é ele o responsável para que isso aconteça.

Barquete (2016, p. 94) defende que

O uso do cinema na mediação da aprendizagem do saber escolar implica um modo específico de se trabalhar com a linguagem, associando processos e esquemas cognitivos próprios do contato com a imagem fílmica aos métodos consolidados de ensino-aprendizagem baseados no uso da escrita, ao incorporar elementos ligados aos sentimentos, às emoções e às intuições, como via de acesso ao mundo e ao cultivo de uma racionalidade crítica e problematizadora.

Segundo Signates (1998. p. 37) a palavra “mediador” vem do adjetivo inglês *mediate* e também da palavra francesa *mediat*, mais tarde chamado de *mediation* o que deu a origem ao substantivo mediação. Ainda sobre o significado de mediação, Berni (2006, p. 2539) diz que “mediação, segundo estudos feitos sobre o conceito de Vygotskyano, é o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens, por meio do instrumento, sujeito e do objeto”.

Com relação ao audiovisual, isso acontece com a interligação desses elementos e para que isso aconteça, o professor deve obter conhecimentos sobre a linguagem do audiovisual, conhecer a poética simbólica da narrativa através dos signos e das técnicas utilizadas em uma obra fílmica. Os professores com esses conhecimentos se tornam mediadores fílmicos na sala de aula. Por isso, é indispensável ter o conhecimento dos elementos que compõem a linguagem audiovisual, a linguagem verbal, a linguagem visual e a linguagem sonora.

2.2 Linguagem verbal

O homem utiliza palavras para se comunicar e quando isso acontece dizemos que ele está usando a linguagem verbal, linguagem essa que se apropria de códigos, ou seja, das palavras, e isso corre quando falamos, lemos ou escrevemos para alguém.

A linguagem verbal é o ato de comunicação entre as pessoas e o uso dela pode ser através da fala e da escrita. Língua falada e língua escrita são dois meios de comunicação diferentes. A linguagem falada envolve a comunicação linguística, é instintiva, ou seja, já se nasce com o instinto para se comunicar como o bebê em seus primeiros meses de vida, quando a mãe o amamenta conversa com ele e muda a voz, esse comportamento foi estudado pela Universidade de Princeton, EUA, em que descobriram que o timbre é uma característica marcante e única quando a voz se altera isso acontece quando os adultos falam com os nenês, uma maneira de recepcioná-los na nova vida, pois é a primeira vez que eles ouvem a voz adulta.

A fala quase sempre acompanha gestos com as mãos e/ou fisionômicos. Marcuschi (2007, p. 18) diz que “a fala é adquirida em contextos informacionais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê”. Ou seja, quando nascemos, no decorrer do nosso cotidiano, aprendemos a falar e só quando dominamos a fala é que iremos ter contato com os especialistas, professores, que irão ensinar a dominar a escrita e a leitura.

A escrita por sua vez exige uma produção, algo que Marcuschi (2007, p. 26) entende como uma “escrita-discursiva e gráfica para se configurar linguagem e pode manifestar-se do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas”.

2.3 Linguagem visual

Toda obra visual é composta por um conjunto de elementos que formam composições, organização ou arranjo dos elementos da arte visual, e para compreendê-las, é necessário conhecer os elementos que estruturam a linguagem e os princípios que regem a combinação desses elementos.

Nos estudos feitos por Dondis (2007), Ostrower (1987), são identificados os principais elementos visuais: o ponto, a linha, o plano, a textura e a cor. Ponto como sendo o ponto básico da geometria, que dá origem a todas as outras formas geométricas. Existem várias definições para o que seja um ponto, dentre eles, Dondis (1997, p. 53) informa que “É a unidade de comunicação visual mais simples e irreduzível mínima”.

Graficamente, ele é representado de duas maneiras: pela intercessão de duas linhas ou pelo simples toque de um instrumento em uma superfície. Nas obras visuais, um ponto não é capaz de construir uma imagem, mas um conjunto deles, como pode ser localizado na obra de Georges Seurat.¹

Assim como o ponto, a linha também é fundamental em uma construção visual, pois é ela que define uma trajetória, movimenta o ponto em um determinado espaço. Para Rudolf Arnheim (2005, p. 365), o movimento “é a atração visual mais intensa da atração”. Diz ainda que “Os seres humanos, de modo similar, são atraídos pelo movimento; basta mencionar a efetividade dos anúncios móveis, quer se trate de sinais de neon cintilante ou comerciais de televisão [...]” Cria texturas e delimita formas, é essencial em direcionar o olhar do apreciador ou espectador em uma obra audiovisual. Há autores que as classificam em: linhas físicas, geométricas e geométricas gráficas. Na linguagem das artes visuais, é a linha que articula as difíceis formas que são divididas em círculo, quadrado e triângulo equilátero.

Esses dois elementos citados, para serem trabalhados, precisam de um Plano – que é uma superfície sem ondulações e superfície que contém largura, altura e profundidade, é a extensão que delimita o espaço em que a obra vai ser construída. Nessas construções, sempre vai haver textura, um dos elementos tão importante como os outros. Nas artes plásticas, o artista cria infinitas técnicas para criar ou reproduzir diferentes ilusões de texturas táteis como: dá sentido de volume na superfície, representação de claro e escuro, luz e sombra.

Cor é o elemento visual caracterizado pela sensação provocada pela luz sobre os olhos. Existem duas linhas de pensamentos diferentes sobre a cor: cor-luz e cor-pigmento, que se dividem em: cores primárias, cores secundárias, cores terciárias e cores neutras. Essa divisão e guia de combinação das cores pode ser encontrado no círculo cromático².

2.4 Linguagem sonora

Na década de 1920 surgiu o cinema falado. Isso pode ser apreciado no filme *Cantando na Chuva*, de Gene Kelly e Stanley Donen (1952), em que cenas demonstram como está inserido o som. Naquela época, a tecnologia era simples e muitos efeitos sonoros eram artesanalmente criados. Por isso, existem até hoje marcas na forma de organizar o som e também outros efeitos visuais em filmes. Sobre esse período o pesquisador Márcio Câmara (2017, p. não paginado) afirma que:

Em um passado não tão remoto as canções ou músicas eram gravadas em estúdio em fitas de 2' polegadas. Em seguida eram transferidas para uma fita magnética de ¼'

¹ Pintor francês pós-impressionista e criador da técnica do Pontilhismo.

² Representação simplificada das cores percebidas pelo olho humano, dividido em cores primárias, cores secundárias e cores terciárias.

de polegadas. Daí eram feitas cópias para transferência ótica e cópias para as filmagens. A filmagem com play-back consistia no seguinte: reproduzia-se a canção ou música(s) em um Nagra, com o cantor ou bailarinos seguindo a música reproduzida. Outro Nagra, ao mesmo tempo, gravava a música que estava sendo executada. O princípio, que é o mesmo até hoje para os vídeos-clips, é saber que parte da música o músico, cantor ou performer está executando: onde a música corresponde a imagem que foi filmada. Depois este mesmo som era transferido para magnético perfurado, sincronizado com a imagem, passando pela fase de mixagem, e indo para a gravação ótica transformando-se no negativo de som.

Hoje em dia, os sons na obra audiovisual são cada vez mais aprimorados, os ritmos ficam quase que perfeitos com a ajuda dos computadores e programas que fazem efeitos sonoros quase imperceptíveis nas cenas. Existem dois tipos de sons: o natural e o artificial.

O som natural é aquele captado diretamente da natureza e o som artificial são os criados através de aparelhos tecnológicos.

Podemos considerar dois tipos de sonosfera: a) a natural, que corresponde a todo o mundo sónico e físico exterior, próprio da Natureza. b) a artificial, que resulta de sons criados pelo homem, de duas formas: *primo*: sons incidentais biológicos, como a voz, ou, acidentais de origem tecnológica (motores de combustão, sirenes, *slot machine*, pás de aerogerador, *e.a.*); *secundo*: intencionalmente, sons codificados como a música ou as mensagens linguísticas. O ruído. (BARRETO, 2008, p. 2)

É difícil situar precisamente a primeira gravação de som. Como fenômeno histórico, ela é resultado da contribuição de diversas pessoas. Foi o físico Thomas Young quem primeiro conseguiu, com o vibroscópio, traduzir graficamente as vibrações sonoras em um cilindro. Em 1857, Leon Scott inventou o fonógrafo que foi o primeiro aparelho feito pelo homem a gravar sons, utilizando-se para isso também de um cilindro. O aparelho do inventor francês, entretanto, era incapaz de reproduzir os sons gravados nos cilindros. Apenas com a invenção do fonógrafo por Thomas Edison, entretanto, atingiu-se a capacidade de gravar e reproduzir sons. A primeira gravação de som registrada é da canção folclórica francesa "Au Clair de la Lune", de 1860, e foi encontrada em 2008 em um arquivo em Paris.

Entre outros, o dicionário Michaelis conceitua "som" como

sm (*lat sonu*) 1 Tudo o que soa ou impressiona o sentido do ouvido; ruído. 2 Ruído ritmado, produzido por vibrações sonoras que se sucedem regularmente. 3 Timbre. 4 Voz. 5 Palavra cuja articulação é mais ou menos agradável ao ouvido. 6 Gram Qualquer emissão de voz simples ou articulada. [...] Fís: som devido a vibrações regulares e bem definidas, que nos dão uma sensação contínua, geralmente agradável. (MICHAELIS, 2009, não paginado)

Ainda de acordo com os estudos da Ondulatória – parte da Física que estuda o tema – o som pode ser conceituado como "[...] uma qualidade perceptiva que é resultado da percepção de distúrbios das moléculas de um meio em um certo espaço de tempo [...]" (LAZZARINI, 1998, p.5).

Entre outros, os suportes mais populares com conteúdos sonoros são: LP: abreviatura do inglês Long Play; EP: abreviatura do inglês Extended Play; Single ou compacto simples: abreviatura do inglês Single Play; Máxi: abreviatura do inglês Maxi Single; Fita cassete ou simplesmente K7.

O som tem como características a intensidade e a altura. A intensidade ou volume é a força com que o som é produzido e a altura como frequência ou o número de vibrações que faz o som ser (grave) que é som mais baixo ou (agudo) que é o som mais alto, já o timbre é percebido pela matéria em vibração.

Muitos autores, como Martin (2011), citam a frase de Eisenstein, para demonstrar que “O som não foi introduzido no cinema mudo: saiu dele. Surgiu da necessidade que levou nosso cinema mudo a ultrapassar os limites da pura expressão plástica”. Para explicar como nasceu o áudio no visual, Santos (2013, não paginado) observa que “O silêncio associado às imagens em movimento parecia bastante incômodo, e a sonoridade surgiu inicialmente para romper com este vazio”. E depois dos inventos tecnológicos, o som passou a fazer parte das projeções fílmicas até hoje, sempre com inovações para agradar o público.

2.5 Linguagem do cinema

No audiovisual, especialmente no cinema, é importante destacar as transformações estéticas no meio cinematográfico. Esse destaque está dividido em dois principais elementos que orquestram a produção fílmica, que são: a narrativa e a *mise en scène*, dois elementos criativos que marcaram a linguagem cinematográfica. Deleuze (2007) diz que “a narração implica uma investigação ou testemunho que a referem ao verdadeiro”, ou seja, uma verdade contada que é determinada pelo autor da produção e não tem comprometimento com a história real dos fatos, mas com a diátese ao espectador com uma narrativa contendo início, meio e fim. Segundo Duran (2010, p. 23)

[...] para que a narrativa adquira significado, depende de três fatores preponderantes: o plano, que possui duração; a sequência de planos, que além de duração promove ordem das series de acontecimentos; e o espaço a que chamamos de narrativa espacial.

Com a narrativa construída e a autonomia do autor de escolher o que vai trabalhar na história, surgiram os “gêneros narrativos” como, por exemplo, a animação, a aventura, a ação, o drama, entre outros gêneros que facilitam ao espectador escolher por saber do que trata o filme e ainda ajuda o roteirista a organizar as suas produções. Todos esses gêneros surgiram nos estúdios de Hollywood, para que o cinema fosse legitimado e isso foi garantido pela *mise en scène* que significa encenado ou a organização dos conteúdos nas cenas como: a

posição dos atores, a iluminação, a decoração, os elementos cênicos etc. A narrativa sobre o ponto de vista de Duran é que

[...] a narrativa e a *mise em scène* permitiram que o cinema avançasse estética e tecnicamente, criando ou apropriando-se de elementos compositivos como: a *iluminação*, proporcionando mais dramaticidade, expressividade e impacto ao filme; o *deslocamento da câmera*, que contribuiu para consolidação de uma linguagem cinematográfica, mais técnica e ao mesmo tempo menos engessada, dando lugar a subjetividade do autor; o *som*, agora sincronizado direto no filme e não mais extremamente; a *cor* na película, antes monocromática, agora tricromática; a montagem, criando uma nova estrutura de produção e organização do filme; e atualmente, a passagem do analógico para o digital, possibilitando a inserção de outras linguagens como o vídeo, a animação, etc [...] (DURAN, 2010, p. 24)

A narrativa do cinema é algo surpreendente, isso porque é composta por inúmeros elementos que irão proporcionar uma explosão de sentidos de fruição imagética no espectador. O olhar e a percepção são as principais áreas que uma boa obra fílmica causa no momento de subjetividade de cada espectador. Esses elementos fazem parte da linguagem do audiovisual e é a junção deles que a obra fílmica se completa.

3 ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO?

Altas habilidades e superdotação são dois termos diferentes mas que podem significar a mesma coisa, ou seja, pessoas com inteligência além da média. Esse assunto já vem sendo tratado há séculos, quando mulheres e homens inteligentes eram selecionados, não importando a classe social, para fazerem parte da Academia de Platão em meados de 384/383 a.C. em Roma. No Japão também começaram a entender e perceber o potencial dessas pessoas e que por serem inteligentes e talentosas precisavam de uma educação diferenciada.

Segundo Gama (2006), foi no século XX que a Europa começou a publicação de textos escritos sobre o assunto por volta de 1910. Nos Estados Unidos, as primeiras medidas sobre os alunos superdotados foram implementadas em 1862, permitindo que os alunos tivessem uma aceleração na aprendizagem. No Brasil a atenção às altas habilidades ou superdotação segundo Cupertino (2008, não paginado) teve início com publicações e textos:

[...] Ferrer (s/d), Gama (2006) e Delou (2007) nos contam que o marco inicial foi cravado nos anos 1930, quando Leoni Kaseff publica *A Educação dos supernormais*. Antes disso, Ulisses Pernambucano, já em 1924, recomendava o início de trabalho ao superdotação tratando de sua identificação, por meio de um teste usado pelo exército americano na 1ª Guerra Mundial, encontrando, por meio dele, dez por cento de superdotados.

Segundo Moraes (1979), os termos utilizados nessa época por Ulisses Pernambucano eram “supernormais” e “precoces” e o prefixo “super” foi concebido por Leoni Kaseffe no ano de 1931 se referindo a essas crianças como “supernormais”. Tempos depois, a palavra sofre outra modificação e passou para o termo “superdotado”, traduzido do inglês “*gifted*”, que significa “dotado”. No Brasil, o termo foi utilizado pela primeira vez em 1971, na lei 5.692, lei que estabelece a reforma do Ensino de 1º e 2º graus, no artigo 9.

Vamos entender melhor o porquê de serem utilizadas as duas terminologias atualmente, antes da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) ter sido revogada, a Lei em vigor era a 5.692, de 11 de agosto de 1971, que dizia no art. 9:

Art. 9º Os alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

Já nas diretrizes da Secretaria de Educação Especial do MEC, de 1995, sugere o termo “altas habilidades”, mas não tira o termo “superdotação”. Lá diz que

São consideradas crianças portadoras de altas habilidades/superdotada as que apresentam notável desempenho e/ou elevado potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados; Capacidade intelectual; Aptidão acadêmica ou específica; Pensamento criador ou produtivo; Capacidade de liderança; Talento especial para artes visuais, artes dramáticas e música; Capacidade psicomotora.

Para muitos críticos da área da educação, o termo “super” se trata de um termo pejorativo causando um efeito ideológico. Fabio Carvalho, em seu artigo *Superdotados. Quem são eles?* diz que o problema não está no fato de em existirem vários nomes para apontar uma coisa, mas que

O problema está no fato de que “superdotado e “portador de altas habilidades” significam e não significam a mesma coisa, e não estamos mais tratando de algo do reino vegetal, mas classificando e diagnosticando cientificamente cidadãos de uma sociedade dada. As palavras não são as mesmas, mas podem estar filiadas a uma mesma forma discursiva – referidas às formações ideológicas – onde se constituem sujeitos e sentidos. O prefixo “super” carrega uma história de significação própria que não é a mesma do adjetivo “alta”, mas ambos, de forma diferente, servem como critério classificatório. (CARVALHO, 2003, não paginado)

Guinther (2008), diz em um trecho de seu livro que “o termo “superdotação” não foi muito bem aceito nos meios educacionais”. A Secretaria de Ensino Especial utiliza a nomenclatura altas habilidades, a LDB acrescentou o termo “Altas Habilidades”, mas não deixou de se referir a essas pessoas com o termo “superdotado”, e por isso hoje segue com a nomenclatura “altas habilidades ou superdotação”.

O fato é que, tanto com um termo quanto com o outro, essas pessoas serão percebidas como diferentes, causando espanto e curiosidades por parte da sociedade. Por isso é necessário que esse assunto seja debatido entre educadores, familiares e sociedade, pois quando a população é informada ela respeita e compreende o comportamento e o posicionamento delas.

No Brasil, embora o marco inicial tenha sido em 1924/1930, os estudos e recomendações de como os superdotados deveriam ser aproveitados em questão de ensino/aceleração, só ganhou repercussão e voz em 1996 com a LDB, (a Lei nº 9.394/1996), capítulo V, que trata Educação Especial artigo 59, inciso II que diz

Art.59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: [...] II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados (BRASIL, 2017, p. 21)

As práticas educativas conforme a postura na LDB são bem elaboradas, o que requer atenção dos governantes e das políticas públicas, pois o cumprimento lei requer um conjunto de medidas estruturais de modo a assegurar sua eficácia. Infelizmente o Brasil está um pouco distante da realidade dos outros países desenvolvidos, onde as escolas dão atenção e investem, ou seja, países que investem no talento e habilidades dessas pessoas. São países que sempre inovam em ciência, tecnologia, entre outras áreas que beneficiam o bem estar da

sociedade, isso quando bem administradas pelos governantes sem interferências de poderes políticos e investimentos em coisas erradas.

No Brasil, aos poucos o investimento nas pessoas com altas habilidades ou superdotação está ganhando espaço. Exemplos disso são os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades ou Superdotação (NAAHS) e o (NEECAHS) – locais que acompanham esses alunos e ainda dão suporte e informação aos familiares e orientação a escolas sobre as habilidades ou superdotação dessas pessoas. Esses núcleos tem uma equipe de especialistas como pedagogos, psicólogos, professores que identificam o talento que cada aluno tem.

3.1 O superdotado e a inteligência

A superdotação atualmente está associada à inteligência superior, fazendo com que pesquisadores se debrucem para melhor repassar informações sobre esse tipo de inteligência. Howard Gardner, psicólogo, cientista e professor norte-americano que define inteligência como “capacidade ou potencial geral que cada ser humano possui em maior ou menor extensão” e complementa conceituando a inteligência como “a capacidade de resolver problemas ou de criar produtos que sejam valorizados de um ou mais cenários culturais” (GARDNER, 1983).

É o autor que melhor explica as inteligências, mesmo não sendo o único. Nesse sentido, vale ressaltar que Gardner desenvolveu a Teoria das Inteligências Múltiplas (1983), pois ele não acredita que a inteligência não pode ser medida, em sua teoria ele propõe, no início, sete inteligências diferentes que são: (linguística, lógico-matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal, musical e corporal-cinestésica), no ano de 1999, Gardner propôs uma oitava inteligência (a inteligência naturalista) e outra em 2003 (inteligência existencial) que ainda permanece em estudo.

3.2 Tipos de inteligência

Segundo os estudos de Gardner, a Inteligência linguística é a capacidade de pensar usando palavras e utiliza a linguagem para expressar significados complexos. Permite-nos compreender o significado das palavras e aplica a metalinguística para refletirmos sobre o uso da linguagem, a inteligência linguística, que é a competência humana, mas ampla e compartilhada, as pessoas com esse tipo de inteligência, geralmente gostam de ler, escrever, contar fatos reais/histórias. Inteligência lógico - matemática é a capacidade que a pessoa tem de calcular, realizar operações matemáticas, Essa inteligência permite que a pessoa faça conexões, usa pensamentos abstratos, percebe os símbolos, usa habilidades de raciocínio em

sequencia e ainda tem pensamentos indutivos e dedutivos. As pessoas com essa inteligência geralmente gostam de problemas aritméticos, experimentos e jogos estratégicos.

Inteligência espacial está relacionada à imagem, é a capacidade que o indivíduo tem de pensar em três dimensões diferentes. Estão ligadas ao raciocínio espacial, manipulação de imagens, têm imaginação ativa, habilidades gráficas e artísticas. As pessoas que mais desenvolvem essas habilidades são os pilotos, os pintores e os arquitetos, pois gostam de pensar utilizando desenhos, quebra cabeças.

A inteligência Interpessoal é aquela inteligência em que a pessoa tem de interagir com as outras, utilizando tanto a comunicação verbal como a não verbal tem sensibilidades aos humores, são capazes de notar distinções entre pessoas, geralmente elas são líderes, compreendem os sentimentos e motivações dos outros. Na inteligência Intrapessoal estão as pessoas que valorizam o eu e a condição humana, que compreendem a si mesmas, seus pensamentos e sentimentos. Geralmente essa inteligência é encontrada em psicólogos, líderes espirituais, filósofos, muitos delas são automotivados e conscientes de seus próprios sentimentos.

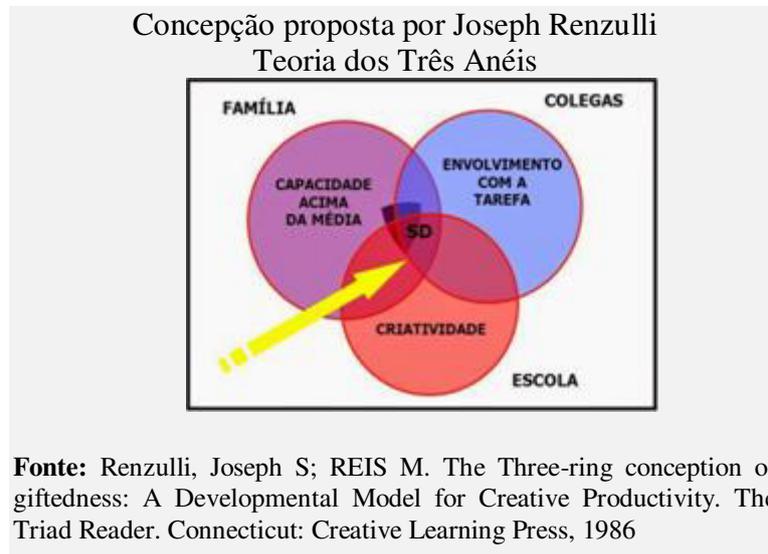
A capacidade de diferenciar ritmo, timbre e tom, permite que as pessoas reflitam sobre a música, criem e reproduzem também elas são as pessoas que tem a Inteligência musical. Geralmente estão entre compositores, músicos, vocalistas e ouvintes sensíveis, muitas vezes havendo ligação afetiva entre música e emoção. Pessoas com essa inteligência são capazes de notar sons que nem todos notam, elas têm a sensibilidade no ouvir. Inteligência Corporal-cinestésica é a capacidade que a pessoa tem de manipular objetos e utilizar variedades de habilidades físicas/corporal, envolve o senso de tempo e perfeição, tem habilidades através da união entre mente e corpo. Geralmente quem tem essas habilidades são os dançarinos, os atletas, os cirurgiões e os artesãos.

A capacidade humana de entender seres vivos como plantas e animais, e são sensíveis a outras características do mundo natural, nuvens, formações rochosas são as pessoas que tem Inteligência Naturalista, pessoas com essas habilidades estão entre as profissões que cuidam da botânica ou em *chef* de cozinha. A inteligência Existencial é a mais recente, é aquela que é sensível ao sentido da vida, as pessoas com essa inteligência são capazes de abordar questões profundas sobre a existência humana, como chegamos aqui e por que morremos.

A Teoria da Inteligência de Gardner (1983/2008) e os conceitos de altas habilidades ou superdotação de acordo com Renzulli (1986) estão interligados, pois a superdotação, de acordo com a Teoria de três anéis de Renzulli resulta na interação de três

componentes: habilidade intelectual superior, criatividade e envolvimento com a tarefa. Ver na imagem abaixo:

Figura 1 – Diagrama de Venn³



Os três anéis envolvem: capacidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade, a superdotação ocorre quando há intercessão entre os anéis, ou seja, se um indivíduo corresponde a um único anel não há superdotação.

A divisão dos anéis é explicada como: capacidade acima da média que divide-se em duas habilidades, – habilidade geral e habilidade específica. Sendo habilidade geral a que consiste na capacidade para processar informação, integrar experiências que resultam em respostas apropriadas as quais se adaptam a situações novas, e na capacidade para utilizar o pensamento abstrato. Exemplos dessa habilidade são: raciocínio verbal e numérico, relações de espaço, memória, e fluência verbal. Essas habilidades são comumente medidas por testes de aptidão geral ou inteligência.

Habilidade específica consiste na capacidade para adquirir conhecimento, ou habilidade para executar uma ou mais atividades de um tipo especializado e dentro de uma gama restrita. Exemplos dessas habilidades incluem: química, balé, matemática, composição musical, escultura, fotografia etc. Diferentemente da habilidade geral, a específica não é facilmente reconhecida na escola e ainda não é contemplada nos testes padronizados de inteligência. Uma alternativa para avaliar as habilidades específicas seria uma observação dessas habilidades por um determinado período, incluindo opiniões de diferentes profissionais relacionados à área em questão. (RENZULLI, 1998).

³ Método de organização de conjuntos que consiste em agrupar seus elementos dentro de figuras geométricas.

Comprometimento com a tarefa: esse anel está ligado à motivação que um indivíduo superdotado apresenta ao conseguir fazer determinada tarefa; é comum em pessoas criativo-produtivas. Os traços estão correlacionados ao empenho com a tarefa e envolvem: perseverança, resistência, trabalho árduo, dedicação, autoconfiança, e uma convicção na própria habilidade para concluir um trabalho importante em que a pessoa criativa-produtiva se propôs a executar. (RENZULLI, 1998).

O terceiro agrupamento de características que compõem a Concepção de Superdotação dos Três Anéis é a Criatividade, utilizada como atributo da pessoa talentosa, gênio, criadores eminentes ou pessoas altamente criativas. Embora, sabe-se que, na maior parte das realizações mais significativas, a criatividade está presente. Assim, a criatividade envolve, entre outros: originalidade de pensamento, aptidão para deixar de lado as convenções e talento para projetar e realizar projetos originais. A interação desses três componentes é que permite a realização criativa-produtiva.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (BRASIL, 2001) no Brasil há mais de 2,5 milhões de alunos com altas habilidades/superdotação. Essas pessoas estão ensino regular em escolas de ensino fundamental e médio. Uma porcentagem deles não são identificados pela escola e não conseguem ser acompanhados pelos núcleos para uma educação que satisfaça as particulares habilidades.

3.3 Identificação dos alunos com altas habilidades ou superdotação

Renzulli (2004) destaca duas categorias amplas e distintas de habilidades superiores, que são a superdotação escolar e a superdotação criativo-produtiva, aonde dentre essas habilidades Renzulli e Reis (1997), descrevem e separam as características cognitivas e afetivo-emocionais para ajudar na identificação dos superdotados.

A superdotação escolar é a mais fácil de identificar, são os alunos com alto Quociente de Inteligência (QI) aqueles que tiram notas boas nas matérias escolares. Os superdotados criativo-produtivos são os que desenvolvem materiais e produtos originais e gostam de problemas desafiadores.

Para ajudar os educadores a identificar esses alunos, Galbraith e Delisle (1996), desenvolveram uma lista, que é seguida até hoje, de comportamentos para a identificação dos alunos com altas habilidades ou superdotação, conforme quadro 1.

Quadro 1 – Lista de identificação de características

1	Aprende fácil e rapidamente
2	Original, imaginativo, criativo, não-convencional
3	Amplamente informado; informado em áreas não comuns

4	Pensa de forma incomum para resolver problemas
5	Persistente, independente, auto-direcionado (faz coisa sem que seja mandado)
6	Persuasivo, capaz de influenciar os outros
7	Mostra senso comum; pode não tolerar tolices
8	Inquisitivo, céptico, curioso sobre o como e porque das coisas
9	Adapta-se a uma variedade de situações e novos ambientes
10	Esperto ao fazer coisas com materiais comuns
11	Habilidades nas artes (música, dança, desenho etc.)
12	Entende a importância da natureza (tempo, lua, sol, estrelas, solo, etc.)
13	Vocabulário excepcional, verbalmente fluente
14	Aprende facilmente novas línguas
15	Trabalhador independente, mostra iniciativa
16	Bom julgamento, lógico
17	Flexível, aberto
18	Versátil, muitos interesses, interesses além da idade cronológica
19	Mostra <i>insights</i> e percepções incomuns
20	Demonstra alto nível de sensibilidade, empatia com relação aos outros
21	Apresenta excelente senso de humor
22	Resiste à rotina e repetição
23	Expressa idéias e reações, freqüentemente de forma argumentativa
24	Sensível à verdade e à honra

Fonte: Galbraith e Delisle (1996, p. 14, adaptado)

A identificação das pessoas com altas habilidades ou superdotação é bem complexa e exige, além dos testes, um acompanhamento de educadores na escola, na família e da compreensão e respeito em sociedade, pois são nesses três meios que essas pessoas desenvolverão suas habilidades intelectuais para o bem de uma nação. Dr^a Eunice Soriano diz que

[...] o futuro de qualquer nação depende da qualidade e competência de seus profissionais, da extensão em que a excelência for cultivada e do grau em que condições favoráveis ao desenvolvimento do talento, sobretudo do talento intelectual, estiverem presentes desde os primeiros anos da infância. (ALENCAR *apud* VIRGOLIM, 2007, p. 17)

Uma nação que apoia essas mentes brilhantes tende a conquistar inovações e invenções que poderão beneficiar a sociedade ou até o mundo, como foi o exemplo dos estudos anatômicos, ópticos e mecânicos desenvolvidos por Leonardo da Vinci e as invenções eletrizantes de Thomas Edison, o inventor da lâmpada. Eles tiveram oportunidades para desenvolverem suas habilidades e apoio de seus familiares e se tornaram ícones que até hoje são lembrados na história.

3.4 NEECAHS – Núcleo de enriquecimento para estudantes com características de altas habilidades ou superdotação

O primeiro contato que todo ser humano tem ao nascer é com os pais, a família. São eles que ensinaram os primeiros passos, as primeiras palavras e serão responsáveis pela formação do caráter, é na família que estão os primeiros contextos de socialização. No entanto, os pais, nem sempre sabem da superdotação dos filhos, das necessidades que eles têm de suprir em suas habilidades, os mais informados sobre uma possível característica da superdotação sentem receio pelo preconceito ou negação Virgolim (2007) destaca algumas colocações sobre esses preconceitos em relação às altas habilidades ou superdotação e diz:

Um deles é a negação de que altas habilidades não existe, pois somos todos iguais. O outro é o de que a criança não precisa de apoio ou ajuda pedagógica especializada para desenvolverem suas habilidades, pois já nasceram inteligentes e que existem muitos mais alunos que precisam de ajuda do que os alunos com altas habilidades/superdotação. (VIRGOLIM, 2007, p. 15)

Por conta de algumas situações como esta, muitos desses pais chegam a se sentirem confusos e se perdem em como estimular o potencial do filho, se sentem incapazes de ajudar na formação e acabam deixando para a escola resolver a situação.

A escola por sua vez, quando tem profissionais capacitados para ajudá-los, tendem a perceber essas crianças uma vez que identificam uma inteligência superior aos demais alunos. Por isso diz Virgolim (2007) “[...] é indispensável manter abertos os canais de comunicação entre família e escola”. É essa parceria entre família e escola faz toda a diferença na identificação dessa criança, a escola tende a ouvir os pais sobre o histórico da vida da criança e sempre há casos em que a família tem um convívio agradável e uma boa renda financeira, permitindo ao filho experiência nova e contato com objetos que os agrada, como cursos, aulas de dança, aulas de inglês entre outras atividades que o permita desenvolver sua habilidade. Quando isso não acontece, os pais optam pelos núcleos de apoios a essas crianças permitindo a elas o contato com diferentes áreas de interesse que o aluno tenha afinidade.

O NEECAHS é o núcleo que atende crianças de 7 a 14 anos com inteligência acima da média. Foi inaugurado em setembro de 2015 e tem como objetivo promover no espaço do núcleo o desenvolvimento de metodologias e estratégias pedagógicas e assim proporcionar as crianças com características de altas habilidades ou superdotação apoio profissional especializado em um ambiente propício à aprendizagem. A equipe NEECAHS conta com profissionais de diversas áreas como pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, professores de artes e matemática.

O núcleo fica localizado na rua de Santana, no centro de São Luis e é administrado pela prefeitura da capital, por meio do trabalho da Secretária Municipal de Educação (SEMED). O núcleo está aberto para atender aproximadamente 150 estudantes de escolas da rede municipal e estadual.

O espaço do núcleo é bem estruturado e composto de salas de artes para o desenvolvimento de oficinas entre outras atividades. Tem um espaço só para jogos, auditório com a estrutura para exibições do audiovisual e apresentações teatrais, salas de informática, bibliotecas para o exercício da leitura e salas para o mapeamento dos alunos.

Figura 2 – Espaços e atividades do NEECAHS



Fonte: SEMED

As atividades desenvolvidas com os alunos do núcleo contam com a parceria de outras instituições como o Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA); Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Universidade Ceuma (UNICEUMA); Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Todas essas instituições oferecem cursos de formação para que os educadores possam se informar sobre esse público. Em 2016, o Sesc foi uma das instituições que somou com atividades de cinema junto ao NEECAHS.

O núcleo ainda oferece cursos, *workshops* e palestras para pais de alunos. Esses encontros tem o objetivo de conscientizar os pais e orientá-los a estreitar o diálogo com seus filhos e também aproximar família e escola.

Os profissionais do núcleo também direcionam os pais a terem um relacionamento bom e sem exigência em excesso dos habilidosos dentro de casa, e assim evitar ansiedades entre outros sentimentos nos seus filhos superdotados.

Os professores da escola regular também recebem orientação por parte dos técnicos do NEECAHS para identificarem esses alunos em sala de aula, pois são esses profissionais que, em grande maioria, descobrem uma criança talentosa e juntos com os pais a direcionam ao núcleo para acompanhá-la para o desenvolvimento de tal habilidade.

Sobre a importância de ter o contato com os pais das crianças no núcleo, a coordenadora do espaço NEECAHS Sandreliza Mota (2017) comenta em entrevista para o portal da SEMED e informa que

A intenção desse ciclo de reuniões é explicar para os pais porque seus filhos estão no Neecahs, para até mesmo melhorar o relacionamento entre esses pais e seus filhos, orientá-los a cobrar na medida certa o desempenho deles na escola e saber que apesar de suas habilidades, eles são crianças. Além disso, queremos também que os pais conheçam o núcleo e que os profissionais também conheçam seus pais (informação verbal).

Diante do exposto, pode-se inferir que o fato de estreitar os convívios dos pais com o ambiente onde o filho está inserido é importante para desenvolver nos talentosos um bom relacionamento tanto entre eles mesmos quanto deles com pais, familiares, vizinhos e outros membros da sociedade. Isso faz com que eles não se sintam cobrados pelas altas habilidades que possuem, evitando assim preocupações e frustrações típicas dos adultos.

4 PROJETO CINESESC

O projeto CineSesc é um dos projetos da cultura da empresa Serviço Social do Comércio (Sesc)⁴, instituição que teve sua fundação em 13 de Setembro de 1946, sendo citada pela primeira vez Carta da Paz Social, que trazia como proposta conter as tensões entre trabalhadores e empregadores. Esse documento foi produzido por empresários como o gaúcho João Daudt d'Oliveira – primeiro presidente do Conselho Nacional do Comércio (CNC). Sua primeira unidade foi inaugurada em 3 de outubro de 1946 na cidade do Rio de Janeiro.

O cinema está presente nas atividades do Sesc desde de 1970 e os projetos sempre eram acompanhados por boas iniciativas na área do audiovisual, as unidades de todo o Brasil promoviam sessões sempre acompanhadas por palestras, cursos e debates com críticos da área aproximando o público com o cinema.

Hoje, o Sesc promove mostras, festivais e exposições de filmes com objetivo de multiplicar o contato da cultura audiovisual com o público brasileiro e também contribuir para a difusão e fortalecimento da produção audiovisual nacional, promovendo o contato e troca de conhecimento dentre os realizadores, público, estudantes e críticos por meios de filmes estaduais e nacionais. Em alguns estados o Sesc possui salas exclusivas para exposições de filmes não comerciais e em outros o público pode ter acesso ao audiovisual pelo intermédio do projeto CineSesc.

O projeto CineSesc tem o objetivo de levar o conhecimento da linguagem do cinema, exercitando o olhar do público presente. Leva filmes educativos nacionais e internacionais “não comerciais” para diversificados públicos: adultos, jovens e crianças. As exposições dos filmes são feitas de acordo com a classificação indicada e acontece em diferentes espaços, como escolas, cinemas etc.

O desenvolvimento do Projeto CineSesc com os alunos altas habilidades ou superdotação do NEECAHS aconteceu no ano de 2016 e teve duração de três meses, em encontros quinzenais, onde foram exibidas animações/longas e oficinas de brinquedos ópticos com as crianças do núcleo. As exposições e discussão das animações aconteceram em sessões e em dias diferentes no cinema do NEECAHS. Os encontros eram pela manhã e tarde, sempre com duplas de mediadores diferentes: dois pela manhã e dois pela tarde, tendo a duração de 4 horas, iniciando sempre com a fala de um dos mediadores sobre o tema do filme.

No final da exibição do filme/animação era adicionado um tempo para a discussão, de acordo com a narrativa do filme. A discussão era sempre mediada por dois

⁴ Uma entidade privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, que objetiva proporcionar o bem estar e a qualidade de vida ao comerciário, sua família e sociedade em geral, por meio das áreas de Cultura, Educação, Saúde, Lazer e Assistência.

estagiários do Sesc, que também eram estudantes da UFMA, que tinha o objetivo de possibilitar que as crianças se expressassem com indagações, inquietações, perguntas e dúvidas a respeito do filme apresentado. Depois da exibição, era marcada em outro dia da semana uma oficina de brinquedos ópticos⁵ com o intuito de fazê-los vivenciar como eram pensados e feitos os desenhos antigamente. Dentre os filmes apresentados nas sessões, escolhi três deles para pesquisa:

A escolha dos filmes foi acordada entre os mediadores do projeto, em aprovação junto às técnicas da cultura da empresa. Entre os critérios de escolha, deram ênfase para a faixa etária das crianças e o nível avançado incomum que as crianças do núcleo apresentam.

Foram escolhidas animações que tinham diversidades culturais⁶ diferenciadas, que dialogavam com o mundo o cotidiano dos alunos, que traziam em algum momento reflexões da infância em construção e como um ser social, com decisões e preocupações com o futuro e com o próximo e com a técnica simples em 2D em todos os filmes escolhidos.

É importante enfatizar que, antes de entrar em detalhes nas animações escolhidas, é necessário saber o que é uma animação.

A animação nasceu nas décadas de 1820, com os primeiros estudos sobre a teoria da persistência da visão, teoria que estudou os minutos que uma imagem permanece na retina. Esses estudos deram início a invenções de dispositivos ópticos como: o *taumatoscópio*, sem histórico de quem o inventou, consiste em um disco de papelão com imagens desenhadas frente e verso, com barbantes amarrados ao lado para fazer girar criando uma imagem única no disco.

O fenaquistoscópio – inventado pelo físico Joseph-Antoine Plateau com ajuda de seus filhos – era um aparelho formado por dois discos, um deles tinha pequenas aberturas verticais e o outro imagens desenhada dez vezes em posições diferentes que só eram vistas em movimento quando visualizadas pelas aberturas do primeiro.

William George Horner, utilizando os mesmos princípios do fenaquistoscópio, inventou o zootoscópio, que também ficou conhecido como roda viva. Essa invenção continha imagens em sequencias que eram colocadas em uma espécie de tambor com fendas que, ao ser observado através delas, ganhavam vida ao ter a invenção girada. Uma variante do zootoscópio o praxinoscópio que se diferenciava por conter espelhos para a animação das

⁵ Brinquedos invenções baseados na persistência da visão dando a impressão de movimento surgiram a partir da teoria da persistência da visão em 1820.

⁶ Aspectos que representam particularmente como diferentes culturas, linguagem, tradições, culinária, religião, costumes, modelo de organização familiar, política, entre outras particularidades próprias determinados em grupo de pessoas que convivem em um determinado território.

figuras desenhadas, foi inventado por Émile Reynaud em 1877, engenheiro e primeiro inventor a criar curtas em sequência e com ações dramáticas.

O brinquedo óptico mais conhecido foi o *flipbook*, um livrinho animado feito com um bloco de folhas onde se desenha imagem folha por folha, em sequência e repetidas vezes cada imagem em posições diferente. Esse brinquedo é utilizado até hoje por amantes do “pré-cinema”, são ensinados em oficinas relacionadas cinema e por competidores em festivais de cinema, também utilizados em promoções para obtenções de prêmios variados, como senhas para jogos online etc.

Essas invenções, em algum momento, iriam chegar ao cinetoscópio de Thomas Edison e ao *cinematógrafo* dos irmãos Lumière que revolucionária a indústria cinematográfica. Com todas essas invenções, a animação ganhou seu espaço entre os filmes, nunca deixando de existir até hoje. Segundo Marta Corrêa Machado (2017)

A quantidade de filmes de animação brasileiros produzidos cresceu nas últimas décadas, resultado da ampliação do acesso aos meios de produção promovida pela tecnologia digital e por alguns incentivos governamentais que tem crescido desde da retomada da produção audiovisual em meados da década de 1990. Isso é constatado pelo número de obras brasileiras inscritas no “Anima Mundi”, o mais importante festival do gênero na América Latina, que demonstra que em 1997 foram inscritos no evento 26 filmes nacionais e em 2007, esse número aumentou para 322 filmes. (BRASIL AMMADO, 2015)

Por isso que, quando pensamos em trabalhar filmes com crianças, sempre se utiliza animações, pois são os preferidos dos pequeninos por serem dinâmicos e coloridos e na grande maioria, humorados. Entender essa relação que as crianças têm com o filme/animação é necessário, pois é ali que está a chave para a argumentação. Por isso é importante prestar bastante atenção à forma como eles observam o filme, como reagem às cenas, como comentam sobre o filme com os colegas, com os professores ou, se possível, até com os familiares, pois, é a partir dessas situações, desses momentos de fruição que a criança obtém, com a mediação, conhecimentos e informações da vida em relação ao mundo.

A análise de filmes pode ser considerada “como um conjunto de operações sobre um objeto em uma sucessiva recomposição a fim de individualizar melhor os componentes, a arquitetura, os movimentos, as dinâmicas, etc.: em uma palavra, os princípios de construção e de funcionamento”. Para permitir maior inteligibilidade sobre o objeto a ser investigado, a análise requer momentos de aproximação para focalizá-lo e captar-lhe os traços essenciais, e de distanciamento, para perceber outros elementos envolvidos na paisagem, que a proximidade não permita. (FANTIN 2006)

Com essas colocações, fica claro a escolha dos filmes trabalhados pelo projeto CineSesc com as crianças superdotadas. Dentre os filmes escolhidos estão: O menino e o Mundo, de Alê Abreu (nacional); O mundo dos Pequeninos, de *Hiromasa Yonebayashi* (Japonês) e O homem da Lua, de Stephan Schesch, Sarah Clara Weber (Alemão). São filmes

de nacionalidades diferentes, isso implica no conhecimento de culturas diferentes, o que traz vários questionamentos interdisciplinares, harmonizando fatos e ideias, e uma verossimilhança de fatos narrados aproximando-os da realidade.

Seguindo com a pesquisa, serão destacadas no seguinte subtópico as sinopses das animações e textos norteadores destacando quais elementos seriam importantes destacar na mediação.

4.1 Análise dos Filmes exibidos pelo CineSesc

O Menino e o Mundo

Figura 3 – Capa do filme *O Menino e o Mundo*



Fonte: Blog Capas Animação

Sinopse: Sofrendo com a falta do pai, um menino deixa sua aldeia e descobre um mundo fantástico dominado por máquinas-bichos e estranhos seres. Uma inusitada animação que retrata as questões do mundo moderno através do olhar de uma criança.

Produção: Filme de Papel

Música: Ruben Feffer, Gustavo Kurlat

Direção: Alê Abreu

Participações especiais: Emicida, Naná Vasconcelos, Barbatuques e GEM-Grupo Experimental de música.

Direção: Alê Abreu

Mixagem: Pedro Lima

Produção executiva: Tita Teller e Fernanda Carvalho

Coordenação artística: Priscila Kellen

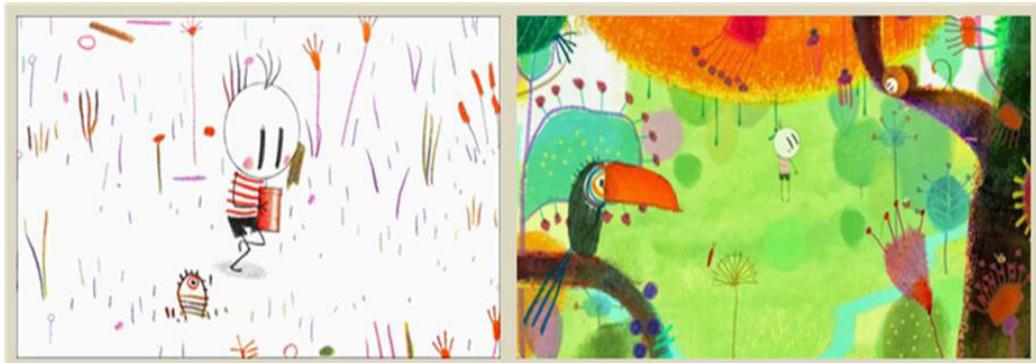
Direção de animação: Alê Abreu

Um dos filmes exibidos pelo CineSesc foi *O menino e o Mundo*, um filme brasileiro de 2013, escrito e dirigido por Alê Abreu, foi uma das cinco melhores animações indicada ao Oscar de 2016.

O filme conta a história de um menino que mora com seus pais em uma cidade pacata no campo aonde vive uma infância livre. Um dia seu pai vai à busca de emprego na cidade grande. Os dias vão passando, as lembranças e a saudade de seu pai apertam então ele decide ir ao encontro do seu pai na cidade grande e encontra uma cidade marcada pela desigualdade social e falta de perspectiva.

Nos primeiros momentos o filme se passa em um cenário rural no campo, uma infância feliz e alegre do menino que é simbolizado às vezes por pequenos traços em um ambiente claro e em outras vezes em um ambiente colorido com muita flora e fauna.

Figura 4 – Cenas da animação *O menino e o Mundo*



Fonte: O globo

No decorrer do filme, já na cidade grande o cenário ganha uma mistura de cinza e pesadelos futuristas como as cenas das favelas em formas cônicas e uma poluição visual de outdoors, propagandas sonoras e televisores por todos os lados. Essa animação representa de maneira lúdica as configurações do mundo contemporâneo.

Figura 5 – Cenas urbanas da animação *O menino e o Mundo*



Fonte: O globo

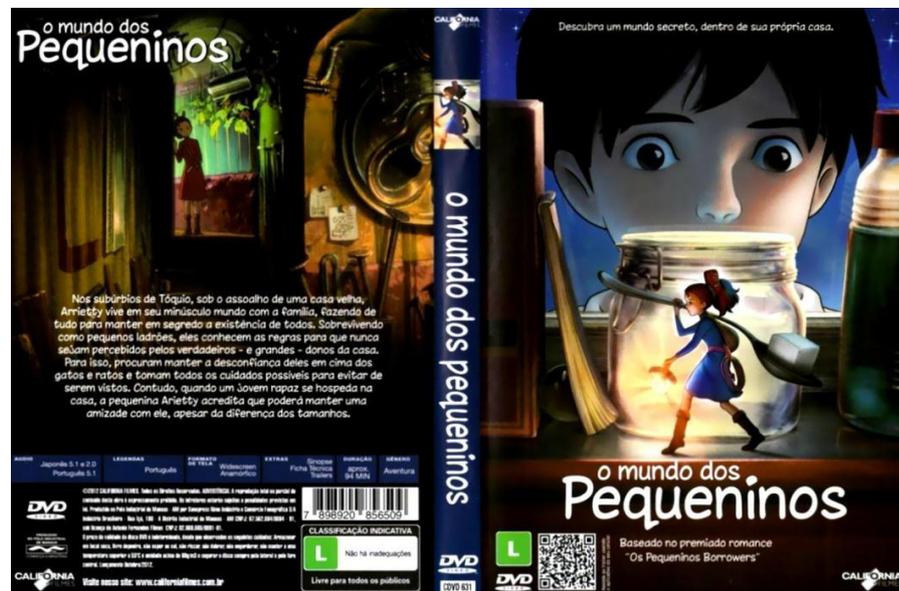
É uma animação marcada pela mistura de técnicas como colagens, desenho sobre papel, carros feitos com programas de computadores e imagens reais de documentários (cena de árvores sendo derrubadas e fábricas poluindo), tem uma plasticidade rara e uma estética ousada no uso intenso do branco. Os traços coloridos com lápis de cor e canetas coloridas e

também tintas que lembram, em alguns momentos, os traços do artista Paul Klee⁷ e os coloridos do artista Kandinsky⁸. Os coloridos da animação fazem uma quebra entre o infantil e as mensagens tristes e amargas, com tom melancólico entre personagem, cenário e trilha sonora que a obra tem.

O filme não tem diálogo e as poucas frases que existe no decorrer da animação são ditas em um português de traz pra frente. É adequado para qualquer idade, pois não contém uma língua específica, e pode ser assistido em qualquer lugar do mundo sem precisar ser traduzido, pois o peso não está nas palavras e sim na expressividade dos personagens com seus semblantes firmes e tristes.

O Mundo dos Pequeninos

Figura 6 – Capa da animação *O mundo dos Pequeninos*



Fonte: Blog Capas Animação

Sinopse: Nos subúrbios de Tóquio, sob o assoalho de uma casa velha, Arrietty vive em seu minúsculo mundo com a família, fazendo de tudo para manter em segredo a existência de todos. Sobrevivendo como pequenos ladrões, eles conhecem as regras para que nunca sejam percebidos pelos verdadeiros – e grandes – donos da casa. Para isso, procuram manter a desconfiança deles em cima dos gatos e ratos e tomam todos os cuidados possíveis para evitar de serem vistos. Contudo, quando um jovem rapaz se hospeda na casa, a pequenina Arrietty acredita que poderá manter uma amizade com ele, apesar da diferença de tamanhos.

⁷ Um pintor suíço, naturalizado alemão, um dos artistas mais originais do movimento expressionista do início do século XX, estudou pintura e desenho em Munique no final do século 19, suas obras estão situadas em três conhecidos movimentos o surrealismo, o cubismo e o expressionismo. Fez parte, em 1911, do grupo "Der Blaue Reiter" ("o cavaleiro azul"), que reunia artistas expressionistas liderados por Wassily Kandinsky.

⁸ Um artista plástico russo, professor da Bauhaus e introdutor da abstração no campo das artes visuais. Preferência pela pintura de paisagens ao ar livre em detrimento a pintura realista de modelos vivos, mostrando nítida influência do impressionismo, influenciado também abstracionismo.

Título Original: The Secret World of Arrietty / Kari-gurashi no Arietti

Título Traduzido: O Mundo dos Pequeninos

Gênero: Aventura/Animação

Riper: 3LTON

Direção: Hiromasa Yonebayashi

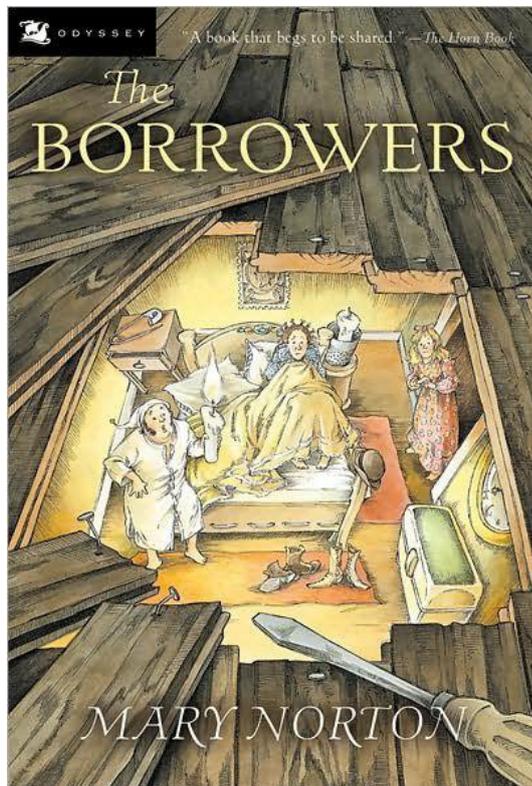
Duração: 94 Min.

Formato: DVDRip

Ídioma: Português e Japonês

O filme é uma releitura do livro “The Borrowers” de Mary Norton, publicado em 1952 que conta a história de pequenos seres humanos minúsculos que pegam emprestado tudo o que precisam casa dos humanos adultos, que não sabem que eles existem.

Figura 7 – Capa do Livro *The Borrowers*



Fonte: Pinterest.com

Dirigida por Hiromasa Yonebayashi, a animação se passa na cidade de Tóquio, no Japão e tem como personagem principal Arrietty e Sho. Arrietty é uma coletora de objetos e vive com sua mãe Homilly e seu pai Pod que vivem debaixo da casa de campo onde a história se desenrola. O outro protagonista na trama é Sho, um garoto humano que vai passar uns dias com seus parentes para se preparar psicologicamente para uma cirurgia cardíaca grave.

Um dia Arrietty é descoberta por Sho, que insiste em conhecê-la, uma amizade linda e perigosa e arriscada para Arrietty e sua família que temem pelos humanos.

Essa animação é muito sutil e bem detalhada por conter pequenos objetos o que exige uma percepção visual bem mais apurada, pois contem uma riqueza de detalhes por onde

os pequeninos passam onde tudo ao redor deles é gigante comparado com o tamanho dos objetos dos grandes humanos como mostra na figura 8.

Figura 8 – Cena da animação *O mundo dos pequeninos*



Fonte: Blog O Capítulo do livro

As cores dessa animação também são bastante exploradas pelo diretor, que usou cores vibrantes para um mundo verde, o que ajudou na composição das cenas. Em outros momentos os detalhes fazem com que coisas vividas e observadas por Arrietty faz com que o espectador sinta vontades de adentrar com ela na trama.

Figura 9 – Outra cena da animação *O mundo dos pequeninos*



Fonte: CDN images

Para sugestão, em termos de mediação, a animação traz temas fáceis de trabalhar como natureza e o que está em volta. O foco principal é o tema da amizade verdadeira, coragem para enfrentar obstáculos da vida como o personagem Sho está passando. E temas mais complexos, como a vida e a morte. É uma animação com um enredo simples e doce e ao mesmo tempo complexo por conter a vida de pessoas que por algum descuido venham a deixar de existir como Arrietty e sua família que temem a sobrevivência por terem pequena

estatura comparada com os donos da casa e pelo psicológico de Sho, que é apenas um garoto e tem que enfrentar um problema grave que pode lhe custar a vida. Duas histórias diferentes, mas que tem o mesmo propósito: a sobrevivência.

O homem da Lua

Figura 10 – Capa do filme *O homem da Lua*



Fonte: Explosão Capas

Sinopse: O Homem da Lua não aguentava mais viver sozinho em seu satélite. Um dia ele decide visitar a terra e desce de carona na cauda de um cometa. Ao chegar, acha tudo maravilhoso, mas logo começa a ter problemas porque é considerado um invasor. Os amigos e crianças precisam então inventar um plano para salvá-lo.

Título original: Moon Man

Distribuidor: IMOVISION

Direção: Stephan Schesch

Cooprodução: Sarah Clara Weber

Autor: Tomi Ungerer

Roteiro: Stephan Schesch

Música composta por: Louis Armstrong, Jun Miyake

O filme/animação é baseado no livro infantil francês “Jean de La Luna” escrito em 1960 por Tomi Ungerer, desenhista e escritor, é um livro traduzido em vários idiomas, inclusive o português. O diretor cria seus personagens, mas, utiliza uma riqueza visual enriquecidas com incríveis situações não fugindo da narrativa do livro.

Essa animação conta a história de um homem que mora na lua e que um dia curioso com o que se passa na terra, desce em um cometa, para conhecê-la, acaba passando por aventuras e conhecendo que nem todo ser humano é igual, uns bonzinhos como o cientista e as crianças e outros ambiciosos por poder como o personagem do presidente que quer conquistar a lua de qualquer maneira.

A animação traz diferentes questionamentos, que podem ser trabalhados nas mediações. Entre elas está a principal delas: as lendas que existem em torno da lua e as diferentes formas em que são contadas em diferentes culturas como a cultura europeia, que acredita que um homem mora na lua, na cultura oriental que acredita lá vive uma lebre e a cultura brasileira dizem ver São Jorge e o dragão morando na lua.

Ainda dentro dos símbolos e personagens que contem a historia ainda é possível trabalhar o meio ambiente, as fases da lua e a chegada do homem a lua e etc, a natureza é outro ponto importante na animação, pois há cenas com muitos animais de diferentes espécies.

Figura 11 – Cenas da animação *O homem da Lua*



Fonte: Jornal O diário.com

A política também pode ser questionada, por conter cenas de um presidente orgulhoso e ambicioso, a ética é indispensável nos questionamentos, pois é através dela que pode ser discutida a essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer esfera social.

Em algum momento é interessante ressaltar que o filme é alemão, e que, por ser alemão, o autor escolheu a plástica do expressionismo alemão, com cores fortes e vibrantes, jogo de luz e sombra, pouca iluminação no lugar do azul do céu a cor escura e pessoas, em cenas que aparece o presidente e seus súditos, distorcidas com traços do movimento impressionismo alemão de 1920.

4.2 Oficina de brinquedos ópticos: *Stop Motion*

Segundo pesquisas feitas, *Stop Motion* é uma técnica de animação utilizando fotograma a fotograma, ou seja, quadro a quadro e tem como recurso para ser produzido a câmera fotográfica, a câmera filmadora ou até pelo próprio computador e com os novos recursos, os aplicativos de celulares andróides.

Em todas essas tecnologias, a forma de fazer é idêntica, o modelo, em movimento, é fotografado e logo em seguida são montadas películas cinematográficas criando, uma impressão de movimento, músicas de fundo, fala ou som podem ser inseridos logo após a montagem das imagens. Exemplos de todos esses componentes juntos podem ser apreciados nas animações *A fuga das Galinhas* (2000), *O estranho mundo de Jack* (1993), *A noiva cadáver* (2005). E muitas outras animações feitas com a utilização dessa técnica e que ganharam não só a atenção das crianças, mas também a simpatia dos adultos.

Logo após a mediação, foi proposta a oficina de *Stop Motion*, movimento parado aonde se utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado (parado) para simular movimento. Geralmente são tiradas de um mesmo ponto, sofrendo pequenas mudanças de lugar, o que dá percepção de movimento.

O *Stop Motion* criado com os alunos do NEECAHS foi feito com os próprios brinquedos dos alunos, como mostra a imagem abaixo.

Figura 12 – Dinossauro de brinquedo objeto da oficina de *Stop motion*



Fonte: Acervo próprio

O vídeo foi feito com a utilização de aplicativos de celulares como (*PicPac* e *Estúdio Stop Motion*), o que oportunizou que as crianças pudessem aprender e entender na prática como são tecnicamente produzidos alguns filmes de animação. O resultado foi positivo, eles entenderam a dinâmica que há por trás das câmeras, como mostra as imagens da mediação e das crianças praticando com o auxílio da mediadora.

Com isso, podemos então dizer que as oficinas de animação são um bom instrumento para auxiliar no ensino aprendizagem de uma criança.

Figura 13 – Passo a passo da oficina de *Stop Motion*



Fonte: Acervo próprio

Oficina de Flipbook

Por volta de 1770, anos depois do surgimento do Teatro de Sombra, que adicionava movimento aos brinquedos (silhuetas) que eram projetados através da iluminação, surgiu a fabricação industrial do papel de celulose, fato que facilitou a liberdade aos desenhistas de se expressarem e usarem suas imaginações.

Com isso, logo surgiu o *Flipbook* que são pequenos livrinhos formados por um conjunto de imagens, desenhos ou fotografias que variam ligeiramente de página a página. Quando folheadas rapidamente, criam um efeito animado nas imagens ali desenhadas.

O brinquedo é feito com animação tradicional, com desenhos feitos à mão e traçados simples dependendo sempre da criatividade da pessoa.

Para entender como produzir um *flipbook* e necessário explicar o passo a passo, pois se isso não ocorrer o flipbook não fará o efeito visual desejado, pois os desenhos são ordenados de forma diferente, os desenhos são feito de trás para frente sempre utilizando a sombra da imagem anterior. Essas explicações sempre são feitas ao início das oficinas para situar os alunos. Historicamente, quando e onde tudo começou, como mostra a imagem a seguir na qual se pode ver os mediadores CineSesc dialogando com os alunos do NEECAHS, que estão sempre atentos às explicações.

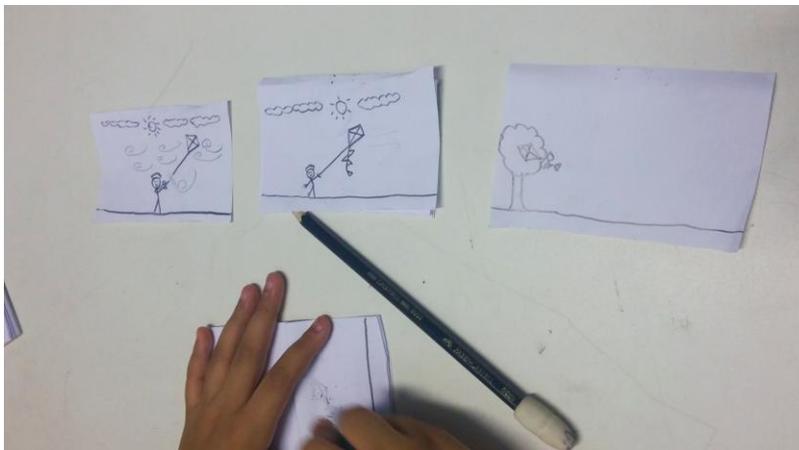
Figura 14 – Mediadoras e as crianças do NEECAHS

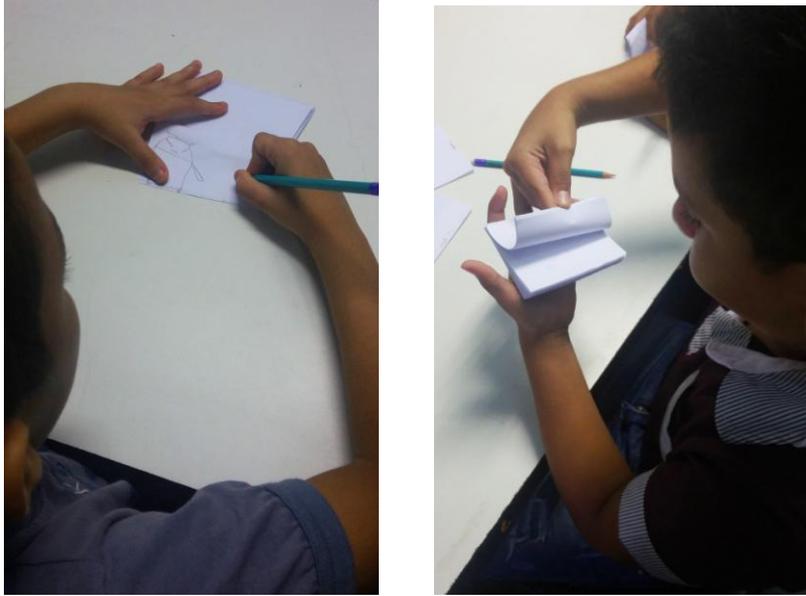


Fonte: Acervo próprio

Usualmente, as animações se utilizam de sequencias de 24 quadros por segundo e para obter uma resolução mais próxima da realidade são necessários 30 quadros por segundo. Os Flipbooks produzidos pelos alunos partiram de histórias vivenciadas no cotidiano delas, como brincadeiras de puxar pipa a desobediência no transito e o resultado foi uma produção original.

Figura 15 – Oficina de *flipbook* com os alunos do NEECAHS





Fonte: Acervo próprio

Nessa oficina, o que chamou atenção foi o interesse em detalhar os desenhos, alguns desenhavam falando e comentando o desenho como se estivessem dentro da história e chegavam a fazer o som (onomatopeia) com a própria voz.

Em outro momento, conversavam entre si e trocavam informações sobre o desenho ali expressado. A coordenadora do NEECAHS chegou a comentar que “eles são detalhistas no que fazem não tem pressa e querem que o trabalho saia bom”

Uma das crianças chegou a argumentar, na hora explicação de como fazer o brinquedo óptico, que nunca tinha feito um *flipbook* antes e que estava ansioso para aprender.

Acharam fácil, não foi preciso muita explicação, pois eles conseguem entender com rapidez os ensinamentos. Essa mesma oficina foi proposta com outros dois outros públicos, com jovens entre 16 a 19 anos (em escolas de ensino médio) e outro publico de terceira idade do Sesc em que na mediação (feita com a mesma pessoa a oficina com as crianças) foi explicada mais de três vezes para que eles entendessem como animar os desenhos.

Com esse comentário dá para perceber um grau diferente no aprendizado dessas crianças, pois elas sempre usam conhecimentos de vivencia do dia e informações das redes (internet) para argumentar algo.

Oficina de Taumatrópio

Nessa oficina, foi explicado que o *taumatrópio* é um brinquedo, um disco de papelão com uma imagem em cada lado preso a dois pedaços de barbante. Quando as cordas são torcidas rapidamente entre os dedos as imagens dos dois lados parecem se combinar gerando uma ilusão ótica.

Esse brinquedo ficou conhecido na Era Vitoriana no Reino Unido, período do reinado da rainha Vitória, em meados do século XIX, época de grandes investimentos em pleno ápice da Revolução industrial propiciando novas habilidades técnicas.

Nessa oficina os alunos, pensaram em algo simples para animar, era para ser uma atividade bem rápida, mas a maioria deles gosta de detalhar bem seus desenhos, segunda a coordenadora do núcleo Sandreliza Mota “eles são bem detalhistas, passam horas desenhando”.

A atividade era para ser simples e rápida, mas o que aconteceu foi um pouco diferente, demoraram mais que o esperado, pois queriam algo bem feito desenharam vários desenhos para depois decidir qual melhor ficaria melhor para uma boa ilusão de ótica, depois que decidiram qual o melhor fixar na arte arredondada de papelão, depois de pronta se entusiasmaram com a ilusão de ótica alcançada. Foi uma atividade que prendeu a atenção deles como ressalta o mediador (COUTINHO 2016, p.13) “proporcionou o conhecimento de mecanismo básico dos processos de elaboração da linguagem audiovisual de animação, além de colaborar para a experimentação e desenvolvimento do potencial criativo do aluno”.

Figura 16 – Oficina de taumatropio com os alunos do NEECAHS



Fonte: Acervo dos mediadores

Depois de todas as oficinas feitas, os mediadores agruparam todos os brinquedos, filmaram com o celular os vídeos produzidos pelos alunos e reuniram em um só vídeo para mostrar a eles como ficava como um vídeo foi uma experiência diferente para eles ver em um vídeo os pequenos filmes que eles produziram.

4.4 Resultados da pesquisa: análise de dados

Os dados desta pesquisa foram obtidos pela aplicação de questionários, contendo perguntas de caráter qualitativo e quantitativo com duas perguntas fechadas, com opções de marcar (resposta dentro dos parênteses) com facilidade para respostas, e cinco questões abertas com respostas espontâneas dos respondentes. As respostas ajudaram a entender o assunto pesquisado. Os questionários foram de autoaplicação, pois foram entregues em partes em mãos, parte pela internet para o respondente preencher.

As respostas ali colocadas foram transformadas em estatísticas e a maioria delas sobre fatos que os respondentes passaram ali na mediação com os superdotados. Para isso as respostas foram examinadas separadamente para determinar padrões de respostas, pois foram identificadas respostas semelhantes, outras com fatos novos quem nenhum outro citou, essas respostas foram submetidas a contraponto umas das outras. Como a pesquisa é direcionada para analisar a mediação fílmica na educação especial, o principal alvo da pesquisa foram os mediadores, por isso, os questionários foram entregues para cada um, com prazo de entrega de 15 dias. O resultado foi excelente e obtiveram 100% de retorno, as respostas foram muito bem elaboradas, algumas mais detalhadas que outras e algumas mais diretas, contendo uma gama de informações adicionais que nortearam e direcionaram o decorrer dessa análise.

Perfil dos respondentes: (1) – Estagiária do Sesc, aluna do 5º período do curso de licenciatura em Artes Visuais da (UFMA), e mediadora do CineSesc. Respondente (2) – Estagiário do Sesc, aluno do 6º período do curso de licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e mediador do projeto CineSesc. Respondente (3) – Estagiária do Sesc, aluna do 6º período do curso de licenciatura em Artes Visuais (UFMA) e mediadora do projeto CineSesc. Respondente (4) - Estagiário do Sesc, aluno do 6º período do curso de licenciatura em Artes Visuais da (UFMA) e mediador do projeto. Todos os mediadores são universitários, e é preferência dos coordenadores do núcleo que os alunos tenham esse contato com estudantes assim.

A primeira pergunta foi direcionada sobre o entendimento que eles tinham sobre mediação fílmica: “O que você entende sobre mediação fílmica?” Essa pergunta objetivou saber o grau de informações que o mediador tinha em relação à mediação com filmes, pois dependendo da resposta dá pra saber se o mediador iria ter noção do que fazer ao mediar com a linguagem cinematográfica.

Respostas dos mediadores (1, 2, 3 e 4)

1 – *“É o ato de apresentação de um filme para um terminado grupo de pessoas, onde se apresenta o filme para que o “público” obtenha uma base do que será exposto”.*

2 – *“Penso que podemos entender a mediação fílmica como uma atuação de desenvolvimento educacional que potencializa a formação de público. Além disso, com o uso da linguagem cinematográfica existe a possibilidade de ensino aprendizagem, conhecimento da arte (contextualização), apreciação da arte (leitura) e até mesmo incentivo ao fazer arte (produção) de acordo com os embasamentos defendidos pela autora Ana Mae Barbosa que em suas teorias e práticas fundamenta a metodologia triangular e outras caracterizações e utilizações dos elementos visuais essenciais para o ensino da arte”.*

3 – *“É uma proposta pedagógica que viabiliza o contato entre o público e o universo das produções audiovisuais”.*

4 – *“Trabalhar com mediação fílmica consiste em utilizar a linguagem cinematográfica como instrumento pedagógico. A relação entre linguagem visual e educação proporcionada pelo cinema é de grande relevância no estímulo à reflexões, estudos, pesquisas e criações artísticas. O papel do mediador então é fazer uma ponte entre a obra cinematográfica e alunos, promovendo uma interação e contextualização”.*

Com as respostas, fica evidente o conhecimento de todos os respondentes sobre mediação fílmica, pois, todos argumentam que o filme é uma proposta pedagógica, algo que muitos professores fazem, mas não se interessam para fazer uma boa mediação, o que acaba fazendo com que muitos alunos achem que o professor quer passar o tempo. Três respondentes comentam, no início da resposta, que mediação é o contato entre público e filme; o quarto, além de concordar com os outros três mediadores, acrescenta que também é importante a “formação de público”. Com isso, entende-se que a plateia crescerá a partir dos olhares críticos do apreciador, que só é possível quando há um refinamento no olhar, ou seja, ensinamentos dos signos, dos elementos visuais e da narrativa que o filme pode ter, só assim o aluno se tornará um adulto crítico, com interesse em frequentar salas de cinema ou até mesmo produzir filmes.

Pergunta 2

Você já tinha trabalhado de alguma forma, com alunos com altas habilidades ou superdotação?

1 – *“Não. Somente durante o período de estágio no Sesc MA pude ter essa experiência”.*

2 – *“Eu já tive experiências educacionais anteriores com alunos (as) de características de altas habilidades ou superdotação em projetos de cunho sócio educacional, principalmente em escolas da rede pública de ensino, e durante as atividades em sala aula de estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Mas em um núcleo especializado com exercícios e acompanhamentos específicos para este público não”.*

3 – “*Não, essa foi a primeira*”.

4 – “*Não, a primeira experiência que tive foi pelo Sesc em parceria com o NEECAHS experiência*”.

Analisando as respostas, só um dos monitores já tinha apresentado algum contato com crianças superdotadas, o que o fez se sentir mais à vontade para uma boa mediação. Os outros três nunca tinham mediado para esse público, mas nem por isso deixaram de mediar e fazer boas colocações sobre o filme exibido. Com a observação participante, foi percebido o quanto eles são atentos a explicações de níveis linguísticos mais avançados, como por exemplos, utilizar o termo “animação” em vez de “desenho”, coisa que algumas crianças que não tem a características não conhecem, por ser um termo novo no vocabulário deles. E, como alunos mediadores universitários, que tem um nível de linguagem bem avançado, não sentiram a necessidade modificar o nível da linguagem, coisa que em muitos universitários se torna difícil quando vão dar aula a crianças: utilizar termos apropriados e conhecidos delas.

Pergunta 3

3-Há diferença entre mediar para uma criança superdotada?

() SIM

() Não

Justifique

1 – “*SIM. Elas conseguem entender a mensagem que o filme passa muito mais rápido, além disso, são bem mais questionadoras, podendo até mesmo desenrolar o enredo do filme antes do fim*”.

2 – “*SIM. A mediação para as crianças com características de altas habilidades ou superdotação deve ser em conformidade com o planejamento escolar para determinadas faixas etárias e anos de ensino, entretanto também necessita de um desenvolvimento educacional que ultrapasse os seus limites pressupostos de alcance educacional*”.

3 – “*SIM. Baseado nas experiências obtidas nas escolas anteriores pelo mesmo projeto CineSesc sentimos a necessidade de realizar adaptações no processo do NEECAHS. Portanto entendo que é preciso sempre instrumentais pedagógicos diferenciados para essa demanda*”.

4 – “*Com a experiência que tive pude perceber que ser superdotado não significa necessariamente ser bom em todas as áreas, pode ser algo específico ou geral. Os alunos participantes das atividades demonstraram uma capacidade enorme de memorização e aprendizagem, além de outras características não tão comuna em crianças com inteligência normal*”.

As crianças superdotadas agem de forma diferente. A intenção dessa pergunta foi saber se os mediadores perceberam a diferença entre mediações para superdotados e não

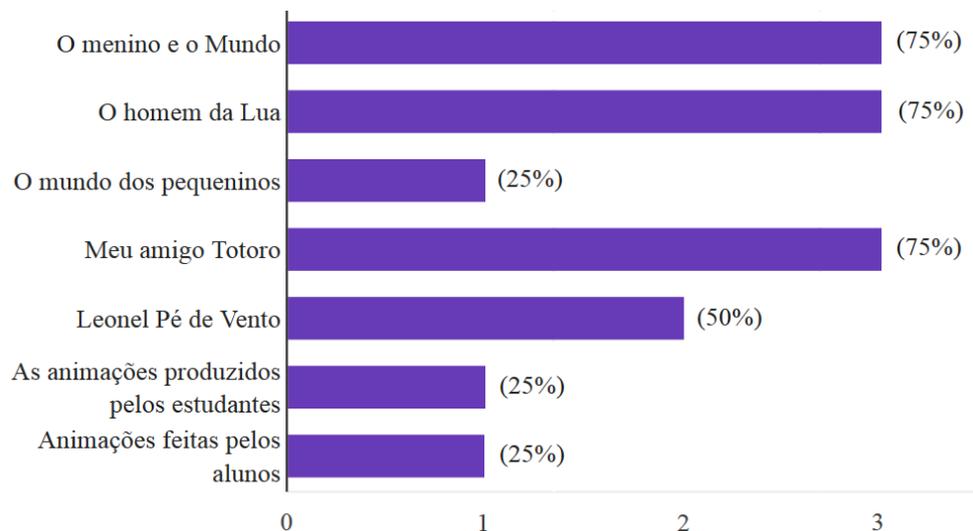
dotados de talentos e todos disseram que “SIM”, que há diferença. O respondente 1 colocou que o entendimento dessas crianças é diferente das outras que não são superdotadas, são mais rápidas nas respostas “são bem questionadoras” diz ainda que os pequenos podem “até desenrolar o enredo do filme antes do fim”. Isso significa que, até mesmo sem saberem, elas já identificam símbolos ocultos, pistas ao longo da trama em forma de elementos que muitos diretores utilizam para dar drama ao filme, coisas que nem todo mundo consegue perceber: desvendar o final do filme, isso acontece muito com cinéfilos⁹ e críticos de cinema.

Nas respostas dos mediadores 2, 3 e 4 há pontos diferentes sobre isso, como questionamentos de como a escola deve usar essa ferramenta para um bom desenvolvimento educacional e preocupação em trabalhar o mesmo filme para os dois públicos. Mas, sempre com os alunos superdotados, sempre fazer adaptações na forma de trabalhar o filme.

Pergunta 4

Para melhor visualização dos dados a respeito dos questionamentos feitos aos respondentes, foram elaborados gráficos a respeito da quantidade de curtas que cada um deles utilizou nas mediações e também sobre o grau de dificuldade para o desempenho da atividade de mediação proposta: na pergunta de número 4, foi solicitado ao entrevistado que marcasse os filmes trabalhados por ele, de acordo com o gráfico:

Gráfico 1 – Frequência de filmes utilizados por mediador

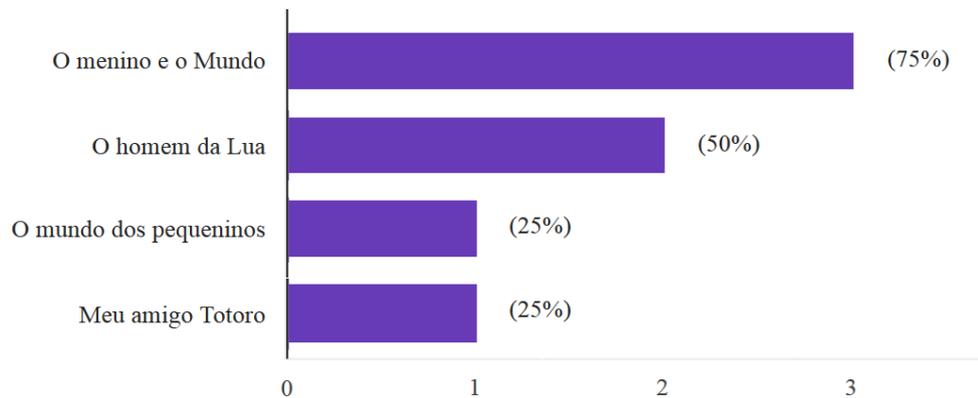


Fonte: A autora

A parte “b” da pergunta 4 tratava da familiaridade dos mediadores com o filme: quando perguntado em qual dos filmes eles se sentiram mais à vontade para mediar, as quantidades foram:

⁹ Sujeito que desfruta da sétima arte, aquele com rica cultura em cinema sente prazer e gosto de estar no cinema, o que goza da magia de viajar pelas telas gigantes através das poltronas de espectador.

Gráfico 2– Filmes em que o mediador ficou mais à vontade



Fonte: A autora

Quando foram interrogados sobre o porquê de terem escolhido esse ou aquele filme, as respostas foram as seguintes:

1 – “(O Homem da Lua) e (outros) Teve um outro filme “Leonel pé de vento”¹⁰, que abordava um pouco a questão do bullying¹¹, os alunos se identificaram e relataram coisas que aconteceram em seus cotidiano, temas que envolvia a realidade vivida por eles”.

2 – “ O Menino e o mundo, B – Com o filme o menino e o Mundo de imediato durante a sua exibição foram possíveis ocorrências de observações de caráter teórico e prático, podendo perceber entre as crianças uma maior interação entre os conteúdos escolares e suas vivências cotidianas, isto possibilitou um processo de ensino aprendizagem bastante positivo que proporcionou após a exposição da animação uma extensão cultural e ampliação de conhecimentos no decorrer da mediação”.

3 – “O Menino e o mundo por ser criado em uma proposta visual diferente da que vem sendo popularmente utilizada, (3D), (2D)”.

4 – Na verdade todos. Antes de ser iniciada as atividades, as técnicas supervisoras de estágio nos proporcionam um momento de treinamento e mediação acerca dos filmes utilizados.

Como o contato/observação atuante foi próximo, pude acompanhar alguns processos que os mediadores passaram como mediação e práticas em oficinas. Por isso, nessa pergunta há direcionamento quanto aos filmes/animação. Perguntou-se aos mediadores se estes já tinham conhecimentos dos filmes trabalhados. A respondente 1 na segunda parte (b) da pergunta, lembra que em uma das mediações exibiram o curta “Leonel pé de vento” uma

¹⁰ É uma animação curta infantil de 15 min feita por Jair Giacomini em 2006 e conta a historia de um menino que nasceu pé-de-vento e por isso vive muito isolado, quando conhece Mariana e juntos descobrem a importância da amizade e da convivência com as diferenças.

¹¹ O termo *bullying* é derivado do verbo inglês *bully* que significa intimidar. Muitas vezes ele acontece de forma velada e se manifesta por meio de “brincadeiras”.

bela animação que conta a história de um menino solitário, diferente das outras crianças e que por isso sofria *bullying*. Durante as indagações sobre o filme, as crianças comentaram sobre o *bullying* em seus cotidianos, pois algumas pessoas fazem *bullying* com elas por terem diferenças.

Dois dos respondentes, em algum momento do questionário, lembram da proposta visual do filme feito em 2D que não utiliza grandes efeitos visuais, o que não se vê mais nas animações, que a cada dia que passa, vão perdendo espaço para animações em 3D que estão se tornando cada vez mais realistas como pode ser percebida comparando o primeiro longa animação Toy Story da Pixar (1995) com a conhecida animação realista da animação longa Big Hero da Disney (2014). Com o passar das evoluções computacionais, se atualizaram com novos avanços na forma de fazer animação. Percebi que os mediadores se atentaram em trabalhar filmes de animação mais tradicional possível para chegarem mais próximos da proposta das oficinas.

Pergunta 5

Você utilizou quais narrativas da animação para comparar com atualidade?

1 – *“SIM. Porque o cinema envolve fatos atuais e para se trabalhar com um público mais jovem é mais fácil trazer com um público mais fácil trazer algo que faça parte da realidade deles”.*

2 – *“De modo interdisciplinar transcorrendo por diferentes áreas do conhecimento nós utilizamos principalmente a narração participante. Esta que teve com os questionamentos quem? o que? quando? onde? por quê? a função de estímulo a associações educativas, leituras e interpretações a partir das percepções e pensamentos críticos que motivaram as imagens filmicas”.*

3 – *“As narrativas que mais são trabalhadas no contexto escolar, as que discutem sobre preservação do meio ambiente, do patrimônio público, as que discutem as problemáticas das relações sociais, o bullying, o universo familiar, e outras questões importantes”.*

4 – *“Utilizamos todo o conteúdo dos filmes para promover uma reflexão entre os alunos, durante a mediação levantamos temas pertinentes a realidade social e escolar dos mesmos”.*

Nas questões sobre narrativa fílmica não houve muitos detalhes quanto à pergunta, mas dá para perceber que os respondentes se utilizaram de boas narrativas quando usam termos que evidenciam isso, como por exemplo, o respondente 2 que se utilizava em sua mediação perguntas diretas, utilizando de perguntas de investigação que se utiliza de estratégias para chegar a respostas que podem levar ações, ele se utilizou dos termos “Quem? O quê? Por quê? perguntas que fazem com que o indagado pense para responder. Essas

perguntas levantam questionamentos reflexivos, temas atuais como destaca a respondente número 3 quando da importância das narrativas dos filmes abordarem assuntos como “as relações sociais, o *bullying*”, ainda entra o lado psicológico entre mediador e reação do aluno, temas relacionados a ética como “a preservação do meio ambiente”, aqui a mediadora refere-se a mediação do filme “O menino e o mundo”, animação marcada por ela na questão 4.

A respondente número 1 também se atenta para essas questões quando cita que uma das animações exibida ter sido o curta “Leonel Pé de Vento” em na mediação questionou a respeito do *bullying* e que imediatamente nas respostas dos alunos eles se identificaram e relataram situações que eles viram na escola, ou até mesmo passaram, por serem diferentes dos outros.

Pergunta 6

Como se deu a escolha dos filmes? As técnicas do Sesc fizeram parte na aprovação dos filmes?

1 – “Em parceria com as coordenadoras e professores do NEECAHS, os estagiários e as técnicas de cultura selecionaram os filmes a ser passados”.

2 - Para a escolha dos filmes houve o procedimento de curadoria associado à mediação. Com o objetivo de aproximar as obras cinematográficas da realidade e do universo escolar das crianças, a curadoria realizada pelo Sesc em parceria com o NEECAHS, ressaltando a importância dos setores ligados à arte e educação, proporcionou desde a escolha dos filmes reflexão, conhecimento e leitura mais abrangente do mundo sem imposição de compreensão.

3 – “Por meio de reunião entre os gestores escolares, técnicos de cultura do Sesc e os mediadores para considerar além das questões técnicas as possibilidades temáticas”.

4 – “A seleção ocorreu de acordo com a faixa etária, público, contexto social e escolar dos alunos, considerando a programação do acervo cinematográfica do Sesc. Durante o processo as técnicas responsáveis auxiliaram os estagiários na escolha do material e das temáticas”.

A escolha dos filmes ocorreu de acordo com a classificação, pois, por mais que elas sejam crianças inteligentes e informadas, ainda são crianças e o Sesc sempre se atenta quanto a essa questão. Os filmes são selecionados, por curadoria, licenciados e enviados para o Sesc de cada estado do Brasil e quando chegam, são cadastrados e utilizados nas mediações em escolas e em outros ambientes em comunidade onde o Sesc é chamado.

Ao discorrer sobre a pergunta, a respondente número 1 coloca que a escolha se dá junto às técnicas, coordenadoras e professoras do NEECAHS. A respondente número 3 diz que acontecem reuniões para auxiliar nas escolhas dos filmes o respondente número 2 também coloca que há parceria entre a escolha dos curtas entre projeto CineSesc e o

NEECAHS “ressaltando a importância dos setores ligados à arte e educação”, o que é muito importante pois o NEECAHS é um núcleo que funciona com parcerias como é descrito anteriormente e se interessa por projetos tão importantes como o CineSesc. Como pesquisadora atuante e ex estagiária do Sesc, presenciei que em muitas escolas, quando ligavam, pediam que o filme se correlacionasse com seus cronogramas de suas aulas, então os estagiários/mediadores pegam no acervo o filme que mais tem afinidade com a tema proposto. É muito importante esse contato entre mediador, supervisor e escola, pois é entre essa união que a mediação tem êxito.

Pergunta 7

Como ocorria o processo criativo nas oficinas? Tinha relação com a animação exibida? Em quais aspectos?

1 – “A oficina era relacionada com os filmes mais sobre a parte técnica. Por exemplo, um filme em 2D, era oficina relacionada aos desenhos em 2D com confecções de Flipbooks, a técnica do filme era utilizada na oficina”.

2 – “Abrangendo processos criativos e investigativos durante as atividades desenvolvidas as abordagens educativas dos mediadores e facilitadores estimularam a participação por meio da interação considerando a capacidade de leitura de imagens e explorando a potencialidade crítica das crianças envolvidas. O processo criativo se deu com base na criação, na interpretação e na resolução de problemas. Para além de respostas, esses exercícios geraram construção de conhecimentos em um processo de ensino aprendizagem de perguntas, dúvidas e problemas. Em termos práticos da metodologia sistematizada, as relações entre as oficinas e as animações aconteceram no transcorrer das suas etapas, fala de introdução da oficina, mostra de filme, mediação, temática da oficina em concordância com a animação exibida, produção de animação e exibição das mesmas, desenvolvidas respectivamente”.

3 – “As oficinas eram desenvolvidas de forma lúdica, geralmente fazendo relação com o filme exibido, e o resultado final era sempre um material rico e que representavam a dimensão do universo que eles têm necessidade apresentar”.

4 – “As oficinas foram desenvolvidas com o objetivo de demonstrar o funcionamento básico do cinema 2D de animação. Características básicas do movimento dos personagens foram desenvolvidas através da oficina de flipbook e stop motion e outros. Os resultados das oficinas foram transmitidas na sala de cinema do NEECAHS, cada aluno teve a oportunidade de comentar sobre sua produção”.

Como pesquisadora participante e oficinaira também, foi possível acompanhar algumas das oficinas com os alunos e perceber que sim, estavam interligadas com o filme exibidos.

A respondente número 1 colocou que “A oficina era relacionada [...] mais com a parte técnica [...], ou seja, se um filme era 2D a mediação para a prática da oficina era em 2D como a oficina de *Flipbook*. O respondente número 2 ressalta ainda que as oficinas “geram construção de conhecimentos [...]” e ainda coloca que ainda tinha uma sequência “fala de introdução de oficina, mostra de filme, mediação [...] produção de animação e exibição de resultados das oficinas dos alunos, que assistiram o resultados de seus trabalhos.” Nas respostas sobre as oficinas nem todos os respondentes seguiam os mesmos passos do respondente número 2.

Na oficina de *stop motion*, os alunos disputavam por manipular o celular ao mesmo tempo. Percebi que a maioria delas, por serem crianças, não tinha celulares próprios, mas sabiam manipular, o que acabou fazendo com que a mediadora tomasse a decisão de escolher quem iria manipular o celular, quem iria mexer o objeto, quem iria dirigir as cenas e quem iria aprender só na observação. Em alguns momentos de descontração, era perceptível o comportamento delas em gostar de manipular brinquedos desmontáveis e pequenos bonecos articuláveis como, cubos mágicos, *legos* e pequenos dinossauros e robôs articuláveis, e com isso os diálogos entre eles eram constante.

Em uma dessas oficinas, tive o prazer de ministrar uma oficina de *flipbook* com os alunos do turno da tarde. Antes de aplicar as oficinas, expliquei a eles um pequeno histórico sobre pré-cinema, de como surgiram as primeiras animações. Depois das explicações, perguntei: se algum deles conhecia o *flipbook*, se já tinham ouvido falar, ou se alguém já tinha feito algum. Alguns dos alunos disseram que já tinham visto, mas que nunca tinham feito por não saberem como colocar em ordem para animar. E foi em meio a esse diálogo que uma das alunas de 9 anos perguntou: “Ele é difícil?”- Eu respondi que não e que ela iria ver no decorrer da oficina.

Já no final da oficina, a mesma menina veio e disse “Achei muito fácil! E terminou a frase dizendo, com um tom meigo, “Tia, da próxima vez a senhora traz algo mais complexo esse é muito fácil”. Com esse diálogo pude perceber o quanto essas crianças se interessam por desafios, como já foi mencionado anteriormente no texto da monografia.

Com todos esses questionamentos observados entre audiovisual e crianças superdotadas, fica claro que a mediação com elas tem que ser realizada de forma mais exploratória.

5 CONCLUSÃO

O audiovisual é um conjunto de possibilidades e discussões da narrativa. Ele proporciona também a linguagem cinematográfica como fonte de descobertas na maneira de fazer arte em movimento, e como linguagem – assim como todas as outras linguagens – requer do profissional que vai utilizar um conhecimento no mínimo básico de conhecimento sobre a divisão de linguagens que compõem a obra.

Diante disso, a pesquisa foi pensada para analisar a mediação fílmica na educação especial para os alunos do NEECAHS. Foi constatada nessa pesquisa que os mediadores utilizaram bons filmes para trabalhar com as crianças superdotadas, filmes capazes de despertar momento de ensino aprendizado e troca de conhecimento entre mediador e público.

No entanto, foi constatado que alguns dos entrevistados foram mais detalhistas nas respostas que os outros e isso sugere talvez um reflexo de suporte didático-teórico em relação ao domínio da linguagem, mas nada que interferisse na mediação com os alunos que questionavam sempre que indagados elogiando as mediações e as oficinas.

A pesquisa indicou ainda que quase a metade dos respondentes se sentiu bem e preferiu mediar o filme brasileiro “O menino e o mundo”, por conter uma organização visual muito rica e envolvente para a construção de saberes, contendo todos os elementos da linguagem audiovisual, a linguagem verbal, a sonora e a visual.

O filme Alemão “O homem da Lua” também continha todos esses elementos fazendo *link* com o expressionismo alemão.

Foi constatado que todos os filmes têm um grau muito bom de narrativas com temas simples, profundos e ao mesmo tempo complexos. Foi constatado também que o nível de linguagem quanto à explicação também foi diferenciado, os mediadores se comunicavam de forma verbal clara, concisa e subjetiva, explorando conhecimentos e valores na narrativa, se encaixando em grau de dificuldade exigidos pelos superdotados.

Foi comprovado nessa pesquisa que os alunos absorveram os conteúdos narrativos do que foi mediado, isso pode ser percebido no desenvolvimento das oficinas em que obtiveram um grau elevado do pensar, da criatividade e do fazer nas oficinas ministradas pelos mediadores do CineSesc. Algo que foi bem explorado, como foi colocado por um dos respondentes sobre trabalhar a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa, adaptá-la para o audiovisual, com a contextualização, com a leitura e com o fazer.

A pesquisa foi bem sucedida, no entanto, no decorrer da mesma surgiram inquietações sobre o contato entre a criança e os filmes. Assim como muitas instituições, o NEECAHS trabalha com parcerias e é importante a eles o contato com a Universidade,

contem uma boa estrutura para exibição de filmes, mas precisa de interação de projetos junto à instituição. Essa aproximação pode ser benéfica, visto que é preciso pensar a extensão como uma atividade fundamental também para a produção e circulação do conhecimento produzido na Universidade dentro da sociedade onde as faculdades estão inseridas. A própria universidade pode se beneficiar do diálogo com a sociedade para incrementar o seu ensino e pesquisa.

Esta concepção de atividades de extensão deve ser mais trabalhada na perspectiva do diálogo com a sociedade e no respeito a diferentes formas de saberes, sejam eles produzidos de maneira mais deficitária ou mesmo de forma mais acelerada, como ocorre com as crianças que apresentam altas habilidades.

Quando praticada com parcerias, planejamento e resultados, a prática de atividades de extensão universitária aplicadas em ambientes educacionais na sociedade poderá funcionar como uma via de mão dupla, na qual os talentos humanos da Pedagogia e das licenciaturas poderão ajudar os centros e núcleos que trabalham com os superdotados para futuramente, quem sabe, esses sujeitos realizem um *feedback* para as Universidades e para a própria sociedade onde vivem através de alguma inovação, invenção, ou descoberta científica universal.

Por fim, entende-se, pelo conteúdo da pesquisa feita neste trabalho, que a construção de saberes junto a esse público requer um grau elevado de informações, por isso é necessário estreitar relações de ensino entre a universidade e os núcleos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Soriano. **Psicologia e Educação do Superdotado**. São Paulo EPU, 1986.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira 2005.
- BARQUETE, Felipe Leal. **A apropriação crítica da montagem cinematográfica no uso pedagógico da imagem fílmica como mediação da aprendizagem do saber escolar**. RDIVE, João Pessoa, v.1, n. 1, p. 92-110, jan./jun., 2016
- BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. **Mediação: o conceito vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica**. In: Anais eletrônicos do XI Simpósio Nacional e I simpósio Internacional de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- BOHN, Carla Silvanira. **Mídia-Educação: recursos midiáticos e a mediação do conhecimento**. CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação, V. 8 Nº 3, dezembro, 2010.
- BOHN, Carla Silvanira. **Mídia, gestão do conhecimento e cognição como balizadores para uma gestão empreendedora na inclusão sócio educativa digital**. IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, 2009
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. 14. ed. Edições Câmara: Brasília, DF, 2017. (Série legislação, 263, PDF)
- BRASIL.(ss/d) Lei Nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, p.1114.
- BRASIL, **Subsídios para a organização e funcionamento de serviços em educação especial: Área de altas habilidades/superdotação**. Série Diretrizes, n. 9. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, 1995.
- CÂMARA, Márcio. **Som Direto no Cinema Brasileiro: fragmentos de uma história**, RDS Editora, 2017.
- CARVALHO, Fabiola Gomide Baquero. **Superdotados. Quem são eles?**. III Congresso Norte Nordeste de Psicologia. Paraíba, 2003.
- CUPERTINO, Christina Menna Barreto. **Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos**, 2.ª edição revista São Paulo, 2012.
- DELEUZE, G. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DONDIS, Donis. **A Sintaxe da linguagem visual**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2002.

DURAN, Érika Rodrigues Simões. **A linguagem da animação como Instrumental de ensino**. Rio de Janeiro, 2010.

FANTIN, Monica. **Crianças, cinema e mídia-educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália**. Ilha de Santa Catarina Janeiro de 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

GARDNER, Howard. **Howard. Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências**. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: *The frames of the mind: the Theory of Multiple Intelligences*, em 1983.

GAM A, M. C. S. **Educação de superdotados: teoria e prática**. São Paulo: E.P.U., 2006.

Galbraith, J. e Delisle, J. (1996). **O garoto talentoso guia de sobrevivência: Um manual para adolescentes**. Minneapolis, MN: Gratuito Publicação Espiritual.

MAGALHÃES, Marcos. **Cartilha Anima Escola : técnicas de animação para professores e alunos**. 2. ed. Rio de Janeiro, IDEIA - Instituto de Desenvolvimento, Estudo e Integração pela Animação, 2015.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 2 ed São Paulo, Brasiliense, 2011.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8 ed – São Paulo: Cortez 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

RENZULLI, J. S. (1986). **A concepção de três anéis de superdotação: um modelo de desenvolvimento para criativo produtividade**. Em J. S. Renzulli e S. M. Reis (Orgs.), *Theleitor de tríade* (pp. 2-19). Mansfield Center, CT: CriativoImprensa de Aprendizagem.

RINALDI, Marcio. **Processos e procedimentos na realização da obra audiovisual: o fim é o começo de tudo**. Revista Belas Artes, São Paulo, n.4, set-dez, 2010. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=processos-e-procedimentos-na-realizacao-da-obra-audiovisual>. Acesso em: 16 de dezembro de 2017.

SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação: a cultura cinematográfica abre novos horizontes sobre a economia e a técnica, a ciência e a arte, a educação e o ensino**. Rio de Janeiro: Agir, 1967. (Coleção Escola e Vida, v. 5)

SIGNATES, Luiz. **Estudo sobre o conceito de mediação**. Grupo de estudos sobre praticas de recepção a produtos mediáticos – ECA/USP – Novos Olhares – número 2 – 2º semestre de 1998

SILVA, R. P. Cinema e Educação. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Emerson. A musicalidade visual. Ano III N 5 2013.
<https://www.cinecachoeira.com.br/2013/05/a-musicalidade-visual/>

VIRGOLIM, Angela. M. R. **Altas Habilidades/Superdotação**. Encorajando Potenciais, Brasília, DF 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário para os mediadores

QUESTIONÁRIO

Prezado respondente,

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo para monografia – O audiovisual entre alunos com altas habilidades ou superdotação: uma análise da mediação filmica na educação especial, uma pesquisa feita através do projeto CineSesc com os alunos do Núcleo de enriquecimento para estudantes com características de Altas Habilidades ou Superdotação (NEECAHS).

Orientador monográfico Prof. Dr. Frederico Fernando Sousa Silva, Universidade Federal do Maranhão. A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa.

Nome: _____

Curso: _____

Faculdade: _____

Perguntas:

1-O que você entende sobre mediação filmica?

2-Você já tinha trabalhado de alguma forma, com alunos com altas habilidades ou superdotação?

Justifique

3-Há diferença entre mediar para uma criança superdotada?

SIM

Não

Justifique

4 – Quais os filmes/animações foram utilizados na sua mediação:

a - O menino e o Mundo O homem da Lua O mundo dos pequeninos

Meu amigo Totoro Outros

b – Qual deles você se sentiu mais a vontade para mediar? Por quê?

5 – Você utilizou quais narrativas da animação para comparar com atualidade? Justifique

6 – Como se deu a escolha dos filmes? As técnicas do Sesc fizeram parte na aprovação dos filmes?

7 – Como ocorria o processo criativo nas oficinas? Tinha relação com a animação exibida? Em quais aspectos?

Desde já agradeço!

Adnaelma Cardozo

Folha resposta

APÊNDICE B – Plano de curso



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966

DEPARTAMENTO DE ARTES

PLANO DE CURSO

Tema: Audiovisual com os superdotados

Título: Mediação fílmica na educação especial com os alunos superdotados

Descrição do público: Ensino Básico

Carga horária: 12 horas

Ementa: O audiovisual na educação especial; Histórico (do audiovisual e das altas habilidades superdotação – informações necessárias para uma compreensão e mediação para esse público); formas que envolvem a compreensão da linguagem no audiovisual – linguagem verbal, linguagem sonora e linguagem visual; oficinas da linguagem audiovisual/brinquedos óptico.

Objetivo Geral: Compreender a relação do audiovisual entre alunos superdotados

Objetivos Específicos:

- Conhecer o audiovisual e as linguagens que os completa;
- Entender os superdotados ou as altas habilidades dentro da educação especial;
- Compreender a relação do audiovisual na educação especial dos superdotados;
- Conceber materiais, brinquedos ópticos, para uma melhor compreensão prática da linguagem audiovisual.

Metodologia

Aulas expositivas sobre a história do audiovisual e os principais conceitos e teóricos do universo das altas habilidades, aula expositiva sobre mediação (com visitas a espaços como museus, galerias e locais que tenham contato com mediadores); visitas a locais que esse público faz parte como os núcleos NEECAHS, NAAHS, etc); workshop sobre educação especial; oficina de flipbook, de stop motion, de taumatropio, entre outros brinquedos que exercitem a compreensão dos princípios que regiam e regem o cinema hoje.

Avaliação

Os alunos serão avaliados através da participação dentro de ambiente de aula, da compreensão e desempenho das oficinas.

Cronograma

Tabela 01 Cronograma de aulas

Aula	Conteúdo
01	O que é o audiovisual explorar como tudo começou enfocando os primeiros desenhos em movimento nos desenhos das cavernas, passando pelos movimentos artísticos que pintavam/esculpiam movimento até chegar a invenção da fotografia e do cinema.
02	Linguagem verbal, explicar a diferença da língua escrita e da língua falada
03	Linguagem visual, explicar que toda obra visual tem um conjunto de elementos que compõem um arranjo de qualquer obra (ponto, linha, volume textura, cor)
04	Linguagem sonora e sua essência explicar como e quando surgiu o cinema falado, explicar os dois tipos de sons o natural e o artificial.
05	Linguagem do cinema explicar a estética em uma obra cinematográfica destacar os dois elementos que orquestram a produção: narrativa (historia do filme), e a <i>mise en scène</i> (organização dos conteúdos na cena como iluminação, decoração, posição dos atores)
06	O que é altas habilidades ou superdotação explicar o porque se utiliza os dois termos, como identificar (utilizando o exemplo a Concepção proposta por Jeseph Renzulli)
07	O que é animação, destacar o ano que surgiram as primeiras animações destacando (o pré cinema)
08	Animação (2D e animação 3D) diferencia las utilizando exemplos visuais dos dois tipos de animação
09	Mediação filmica: visitar espaços que se obtenham de mediações e ainda exercitar a mediação com os alunos na sala de aula (exemplificando com o uso de filmes/animações)
10	Oficina de flipbook: fabricação do flipbook em bloco de papel utilizando um tema que os alunos se identifiquem
11	Oficina de taumatropio: fabricação de um taumatropio se utilizando do desenho criatividade do aluno (exercício individual)
12	Oficina de Stop Motion: atividade em pequenos grupos se utilizando de captura de imagens (utilizando aplicativo de celular)

Bibliografia

DONDIS, Donis. **A Sintaxe da linguagem visual**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2002.

FANTIN, Monica. **CRIANÇAS, CINEMA E MÍDIA-EDUCAÇÃO: Olhares e experiências no Brasil e na Itália**. Ilha de Santa Catarina Janeiro de 2006.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAM A, M. C. S. **Educação de superdotados: teoria e prática**. São Paulo: E.P.U., 2006.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 2 ed São Paulo, Brasiliense, 2011.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8 ed – São Paulo: Cortez 2007.

RENZULLI, J. S. **A concepção de três anéis de superdotação: um modelo de desenvolvimento para criativo produtividade**. Em J. S. Renzulli e S. M. Reis (Orgs.), *Theleitor de tríade* (pp. 2-19). Mansfield Center, CT: CriativoImprensa de Aprendizagem, 1986.

VIRGOLIM, Angela. M. R. **Altas Habilidades/Superdotação**. Encorajando Potenciais, Brasília, DF 2007.

APÊNDICE C – Ofício COEDAT



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Ofício N° 11/2015 COEDAT

São Luís, 25 de Maio de 2015.

Senhora Diretora,

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais, parte integrante dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA vem por meio deste solicitar que a Instituição Serviço Social do Comércio – SESC disponibilize documentos necessários à aluna **Adnaelma da Silva Cardozo**, portadora do n° de matrícula **2009039940**, para que a mesma utilize os documentos necessários para coleta de dados para sua pesquisa de Conclusão de Curso, que tem como objeto de pesquisa o projeto **CineSesc**.

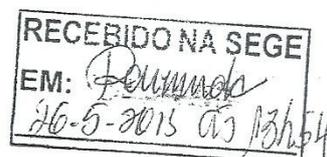
Atenciosamente,

Profª Martha Martha França Sousa
Orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso

Profª. Dra. Regiane Ap. Caire da Silva
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Regiane Ap. Caire da Silva
Coordenadora dos Cursos AV e EA
STAP 2157533

Ilmaª. Srª.
Maria dos Remédios Serra Pereira
Diretora Regional do SESC Maranhão.



APÊNDICE D – Encaminhamento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Encaminhamento

Informamos que ADNAELMA DA SILVA CARDOZO, aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais, matrícula 2009039940, necessita levantar dados para iniciar sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso TCC.

Portanto solicitamos à direção do Núcleo de Enriquecimento para Estudantes com Características de Altas Habilidades ou Superdotação uma autorização para que a discente faça a pesquisa no local.

São Luís, 23 de abril de 2018.

Prof.º Dr.º Frederico Fernando Souza Silva
Orientador

Coordenação dos Cursos de Ed. Artística e Artes Visuais.
Fone: (98) 3272 – 8303 E-mail: cooedav@gmail.com
Endereço: Av. dos Portugueses, 1966
Bacanga - CEP 65080-805

Cardozo, Adnaelma da Silva.

O audiovisual entre alunos com altas habilidades ou superdotação : uma análise da mediação fílmica na educação especial / Adnaelma da Silva Cardozo. - 2018.

67 f.

Orientador(a): Frederico Fernando Sousa Silva.
Monografia (Graduação) - Curso de Artes Visuais,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Altas Habilidades ou Superdotação. 2. Audiovisual.
3. CineSesc. 4. NEECAHS. I. Silva, Frederico Fernando
Sousa. II. Título.